

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROF-ARTES

ENSINO DE ARTES VISUAIS NA 9ª ETAPA DO EJA ENSINO MÉDIO DA ESCOLA
ESTADUAL PROFESSORA RUTH PRESTES GONÇALVES:
GUIA DE ATIVIDADES

DELIENE DO SOCORRO DO NASCIMENTO GARCIA

MANAUS
2026

DELIENE DO SOCORRO DO NASCIMENTO GARCIA

ENSINO DE ARTES VISUAIS NA 9ª ETAPA DO EJA ENSINO MÉDIO DA ESCOLA
ESTADUAL PROFESSORA RUTH PRESTES GONÇALVES:
GUIA DE ATIVIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes - PROF-ARTES na IES Associada – Universidade Federal do Amazonas / Universidade do Estado do Amazonas.

Linha – Abordagens teóricas – metodológicas das práticas docentes.

Orientadora: Profa. Dra. Gislaine Regina Pozzetti

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- G216e Garcia, Deliene do Socorro do Nascimento
 Ensino de Artes Visuais na 9º etapa do EJA Ensino Médio na Escola
 Estadual Ruth Prestes Gonçalves: Guia de Atividades / Deliene do Socorro
 do Nascimento Garcia. - 2026.
 78 f. ; 31 cm.
- Orientador(a): Gislaine Regina Pozzetti.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
 de Pós-Graduação Profissional em Artes, Manaus/Amazonas, 2026.
1. Artes Visuais. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Experimentação. 4.
 Ensino de Artes. I. Pozzetti, Gislaine Regina. II. Universidade Federal do
 Amazonas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes. III. Título
-

Dissertação intitulada “ENSINO DE ARTES VISUAIS NA 9ª ETAPA DO EJA ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA RUTH PRESTES GONÇALVES: GUIA DE ATIVIDADES” de autoria da mestrande DELIENE DO SOCORRO DO NASCIMENTO GARCIA, foi julgada adequada para obtenção do Grau de Mestre em Artes pelo Programa de Mestrado Profissional – PROFARTES, na Linha de pesquisa Abordagens teóricas – metodológicas das práticas docentes, e aprovada em sua forma final, pela Banca Examinadora constituída por:

BANCA:

Presidente: Profa. Dra. Gislaine Regina Pozzetti - Orientadora - UEA

Membro: Profa. Dra. Amanda Aguiar Ayres

Membro: Profa. Dra. Eneila Almeida dos Santos

Suplente: Prof. Dr. Elias Farias

Suplente: Prof. Dr. Jackson Colares – Coordenador do Programa PROFARTES – UFAM

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, saúde e perseverança para concluir esta etapa tão significativa da minha trajetória acadêmica e pessoal.

À minha mãe, Maria Gracilene, expresso minha profunda gratidão pelo amor incondicional, pelo apoio constante e por nunca deixar de acreditar em mim, mesmo nos momentos mais difíceis. Por compreender as minhas ausências. Sua história de vida, sua presença foi essencial para que este sonho se tornasse possível.

Aos meus filhos, Andrew (in memoriam) e Henrique, razão maior da minha existência e da minha luta diária. Andrew, cuja memória vive eternamente em meu coração. Henrique meu caçula e filho amado, por compreender minhas ausências e me motivar com seu carinho, paciência, ajuda e sua força.

À minha orientadora, Prof^a. Gislaine, agradeço imensamente pela orientação cuidadosa, pela paciência, pelo incentivo e pelas valiosas contribuições acadêmicas que foram fundamentais para a construção desta dissertação e principalmente por ter acreditado em mim e não ter desistido de mim.

Aos meus professores do mestrado, Renato, Jackson, Gislaine, Amanda, Hermes, Elias, Rosemara, Walter o meu mais sincero reconhecimento pelo conhecimento compartilhado, pelas reflexões críticas e pela contribuição significativa à minha formação acadêmica e profissional.

Aos colegas do mestrado, agradeço pela convivência, pelas trocas de experiências valiosas, pelo apoio mútuo e pelos aprendizados construídos coletivamente ao longo dessa caminhada, em especial à Mara Pacheco e à Carina Navegante, duas amigas queridas, especiais que não largaram a minha mão.

À Secretaria de Estado de Educação do Estado do Amazonas, pela parceria no desenvolvimento desse estudo em sala de aula.

À Secretaria Municipal de Educação que, com o Programa Qualifica Mais, proporcionou-me o afastamento do trabalho para a conquista desta titulação.

Agradeço pelo incentivo e investimento em minha pesquisa, pois o presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, por meio da concessão de bolsa de Mestrado (Processo nº 88887.976777/2024-00).

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meu mais sincero agradecimento.

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar um relato de experimentação no ensino das Artes Visuais no contexto da 9ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Médio, desenvolvida na Escola Estadual Professora Ruth Prestes Gonçalves, localizada na cidade de Manaus, Amazonas. O ponto de partida desta investigação é o reconhecimento da EJA como estratégia educacional voltada para o público que não concluiu os estudos na idade regular, do ensino fundamental e médio. No Brasil, sua trajetória se conecta às iniciativas de alfabetização e inclusão inovadoras, especialmente ao longo do século XX. No contexto amazônico, entretanto, esse percurso adquire contornos próprios que refletem tanto as dinâmicas culturais quanto as particularidades geográficas do estado. A pesquisa propõe a elaboração de pranchas de atividades introdutórias ao ensino das Artes Visuais, fundamentadas na experimentação como eixo condutor do processo de aprendizagem. Nesse sentido, o estudo articula pressupostos da pedagogia crítica, conforme Paulo Freire (1996), que compreende a educação como prática de liberdade e construção da consciência crítica, com a perspectiva da estética relacional de Nicolas Bourriaud (2009), que entende a arte como espaço de interação e construção coletiva. Além disso, adota-se a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2012), estruturada nos eixos do fazer artístico, da apreciação e da contextualização, como base metodológica para o ensino das Artes Visuais. A investigação ancora-se, ainda, no conceito de *escrevivência*, desenvolvido por Conceição Evaristo (2017), ao integrar as experiências vividas em sala de aula com a prática docente da professora-pesquisadora, valorizando as narrativas e os saberes dos sujeitos envolvidos. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, com abordagem interventiva, fundamentada na observação participante. Como resultados, destaca-se a aproximação entre arte e cotidiano dos estudantes, a valorização da experimentação prática como estratégia de aprendizagem e a superação de estigmas relacionados à produção artística, como a ideia de “não saber desenhar” ou “não possuir talento”. Evidencia-se, assim, o fortalecimento da autoestima dos educandos e a ampliação do engajamento nas atividades propostas, contribuindo para um ensino de Artes Visuais mais inclusivo, sensível e significativo no contexto da EJA.

Palavras-chave: Artes Visuais; Educação de Jovens e Adultos; Experimentação; Ensino de Arte.

Abstract

This research aims to present an account of experimentation in teaching Visual Arts in the context of the 9th stage of Youth and Adult Education (EJA) at the High School level, developed at the Professor Ruth Prestes Gonçalves State School, located in the city of Manaus, Amazonas. The starting point of this investigation is the recognition of EJA as an educational strategy aimed at the public that did not complete their studies at the regular age, in elementary and high school. In Brazil, its trajectory is connected to innovative literacy and inclusion initiatives, especially throughout the 20th century. In the Amazonian context, however, this path acquires its own contours that reflect both the cultural dynamics and the geographical particularities of the state. The research proposes the elaboration of introductory activity boards for teaching Visual Arts, based on experimentation as the guiding axis of the learning process. In this sense, the study articulates assumptions of critical pedagogy, according to Paulo Freire (1996), which understands education as a practice of freedom and the construction of critical consciousness, with the perspective of relational aesthetics by Nicolas Bourriaud (2009), which understands art as a space for interaction and collective construction. Furthermore, it adopts Ana Mae Barbosa's (2012) triangular approach, structured around the axes of artistic creation, appreciation, and contextualization, as a methodological basis for teaching Visual Arts. The investigation is also anchored in the concept of "escrevivência" (a term coined by Conceição Evaristo, 2017), integrating experiences lived in the classroom with the teaching practice of the teacher-researcher, valuing the narratives and knowledge of the subjects involved. Methodologically, this is a qualitative, applied research with an interventional approach, based on participant observation. As a result, the study highlights the connection between art and the students' daily lives, the appreciation of practical experimentation as a learning strategy, and the overcoming of stigmas related to artistic production, such as the idea of "not knowing how to draw" or "not having talent." This demonstrates the strengthening of students' self-esteem and the increased engagement in the proposed activities, contributing to a more inclusive, sensitive, and meaningful Visual Arts education in the context of Youth and Adult Education.

Keywords: Visual Arts; Youth and Adult Education; Experimentation; Art Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Exposição da Obra “Canoeiro”, na Jornada Acadêmica 2024, Galeria do CAUA/UFAM.....	23
Figura 2 – Exposição da obra “Floresta Viva”, no III SEPROFARTES 2024 na Galeria do CAUA/UFAM	23
Figura 3 – Grupo Carimbó da Ruth.....	24
Figura 4 – Exposição da obra “Guardiãs da floresta” na Exposição Criaturas na Galeria do Largo.....	25
Figura 5 – Festival Folclórico da Escola Municipal Antonina Borges de Sá	26
Figura 6 – Brincos com penas e pedrarias de Delly Garcia Biojoias	27
Figura 7 – Eu e alguns clientes usando os acessórios de Boi de Delly Garcia Biojoias.....	28
Figura 8 – Cocares de Boi de Delly Garcia Biojoias	28
Figura 9 – Colares artesanais de Delly Garcia biojoias	29
Figura 10 – Ombreiras e Max colares de Delly Garcia biojoias	29
Figura 11 – Aula 01. Alunos desenhando	36
Figura 12 – Aula 01. Alunos desenhando	36
Figura 13 – Aula 02. Escala de Tons com lápis	37
Figura 14 – Aula 02. Alunos fazendo a sua escala de Tons	37
Figura 15 – Aula 03. Alunos fazendo o seu desenho	38
Figura 16 – Aula 04. Desenho de observação	38
Figura 17 – Desenho Natureza Morta	39
Figura 18 – Aula 04. Desenho Natureza Morta	39
Figura 19 – Aula 04. Pintura Natureza Morta	39
Figura 20 – Aula 04. Alunas desenhando	40
Figura 21 – Aula 05. Desenho de Figuras Geométricas.....	40
Figura 22 – Aula 05. Obra de Piet Mondrian	41
Figura 23 – Aula 05. Obra de Piet Mondrian	41
Figura 24 – Aula 05. Obra de Piet Mondrian	41
Figura 25 – Aula 05. Alunos desenhando	42
Figura 26 – Aula 06. Pintura Rupestre	42
Figura 27 – Aula 06. Pintura Rupestre	43
Figura 28 – Aula 06. Pintura Rupestre Mãos em Negativo.....	43
Figura 29 – Alunos desenhando	43
Figura 30 – Aula 07. As cores primarias e secundarias.....	44
Figura 31 – Aula 07. Alunos recebendo orientações sobre atividade.....	44
Figura 32 – Aula 07. Alunas Pintando.....	45
Figura 33 – Aula 08. Teoria da Cor: Cores Quentes e Cores Frias.....	45
Figura 34 – Aula 08. Alunos pintando.....	46
Figura 35 – Aula 08. Alunos pintando.....	46
Figura 36 – Aula 08. Pannel das pinturas criativas dos alunos	47
Figura 37 – Alunos no Pannel com suas pinturas criativas.....	47
Figura 38 – Aula 09. Alunos desenhando	48
Figura 39 – Eu e o artista Freyzer Andrade com um retrato feito por ele.....	48
Figura 40 – Eu e os retratos feitos pelo artista Freyzer Andrade.....	49
Figura 41 – Com a artista Hadna Abreu na exposição “Linhas do Tempo” com a sua obra Vovó Teresinha	49
Figura 42 – Obra Vovó Lúcia da Exposição “Linhas do Tempo.....	49

Figura 43 – Com o artista Jair Jacqmont na exposição “Tramas Amazônicas” Obras: Flores brasileiras e Flores brasileiras com chita.....	50
Figura 44 – Com o artista Jair Jacqmont na exposição “A arte da Amazônia”	50
Figura 45 – Obra e artista Rubens Belém	51
Figura 46 – Eu e o artista Rubens Belém na exposição “A arte da Amazônia”	51
Figura 47 – Obra da artista Rakel Caminha.....	52
Figura 48 – Obra e artista Otoni Mesquita	52
Figura 49 – Obra e artista Rui Machado.....	52
Figura 50 – Obra e artista Paulo Cantalice	53
Figura 51 – Obra e artista Priscila Pinto.....	53
Figura 52 – Roda de conversa sobre os artistas amazonenses.....	53
Figura 53 – Alunos apresentando sobre os artistas amazonenses.....	54
Figura 54 – Aula 11. Aluno apresentando o seu artista.....	54
Figura 55 – Aula 11. Aluna apresentando o seu artista	55
Figura 56 – Apostila de Linguagens e suas tecnologias de 2022	60
Figura 57 – Apostila de Linguagens e suas tecnologias de 2023	61

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FUNDEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

SEDUC – Secretaria Estadual de Educação

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

MEC – Ministério da Educação

MEB – Movimento de Educação de Base

NTE – Núcleo de Tecnologia

PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens

PROEJA – Programa Nacional de Integração de Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

1.	Introdução	11
2.	Breve discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA no Brasil	12
2.1.	Contexto histórico da Educação de Jovens e Adultos - EJA no Amazonas.....	15
2.2.	As artes visuais na Educação de Jovens e Adultos - EJA	19
3.	Como tudo começou: A minha história e superações	20
3.1.	Vida acadêmica e experiências com as artes.....	25
3.2.	Experiência com a EJA.....	29
4.	“Guia de Atividades para o Ensino de Artes Visuais na EJA”	30
4.1.	A experiência da Escrivivência/Escrevivência em Conceição Evaristo	33
5.	Conteúdos elencados para o “Guia de Atividades”	35
5.1.	Atividades introdutórias para o Ensino das Artes Visuais na EJA	35
5.1.1.	Aula 01: Abordagem do Ver: O desenho e os seus elementos	35
5.1.2.	Aula 02: Escala de Tons: Abordagem do Ver.....	36
5.1.3.	Aula 03: A composição nas artes visuais.....	37
5.1.4.	Aula 04: Desenho de Natureza Morta.....	38
5.1.5.	Aula 05: Desenho de formas geométricas (figura 21).	40
5.1.6.	Aula 06: Arte Rupestre	42
5.1.7.	Aula 07: Teoria das cores: cores primárias, secundárias e terciárias (figura 30).....	44
5.1.8.	Aula 08: Teoria das cores: cores quentes e cores frias (figura 32).	46
5.1.9.	Aula 09: Desenho da natureza a sua volta (figura 38).....	47
5.1.10.	Aula 10: As Artes Visuais no Amazonas.....	48
5.1.11.	Aula 11: Releitura de obras de artes de Artistas Visuais Amazonenses.....	54
5.1.12.	Aula 12: Organizando uma exposição.....	54
6.	Análise e Discussão dos Resultados	55
7.	Considerações Finais	57
8.	Caixinhas De Memórias.....	61
9.	Referências.....	62

1. Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma modalidade pensada para garantir o direito à educação que, por diversos motivos, não ingressaram ou não puderam dar continuidade aos estudos no período considerado regular. Sua trajetória no Brasil está historicamente associada ao avanço das políticas públicas de alfabetização e à promoção da inclusão, acentuando-se a partir do século XX e ganhando maior respaldo com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/1996).

No estado do Amazonas, a EJA assume contornos singulares devido não apenas à sua vasta extensão territorial, mas também à pluralidade cultural e às barreiras de acesso enfrentadas por diferentes comunidades. Tais desafios evidenciam a necessidade de práticas pedagógicas que dialoguem com o cotidiano dos estudantes, respeitando seus saberes, trajetórias e experiências acumuladas ao longo da vida. Nesse contexto, o campo das Artes Visuais surge como espaço estratégico para o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico e da autonomia dos educandos, favorecendo a expressão e a leitura analítica do mundo à sua volta. Inspirando-se na perspectiva de Paulo Freire (1996), destaca-se a importância de métodos que priorizem a participação ativa no fazer educativo, entendendo que a aprendizagem se constrói coletivamente.

Observa-se, entretanto, na EJA, uma reincidência de inibições frente às práticas artísticas, resultado, muitas vezes, de visões cristalizadas sobre talento ou habilidade, e de experiências anteriores marcadas pelo ensino tecnicista da arte. Perceber esse cenário implica buscar abordagens metodológicas que estimulem a experimentação, a valorização da expressão pessoal e a ruptura com paradigmas tradicionais. Dentre esses caminhos, ressaltamos os esportes da abordagem triangular apresentados por Ana Mae Barbosa (2012), que propõe integrar a produção artística, a avaliação crítica e a contextualização cultural como eixos estruturantes do ensino de Artes Visuais, criando oportunidades para que os educandos se tornem tanto criadores quanto intérpretes de artes artísticas.

A noção de estética relacional, desenvolvida por Nicolas Bourriaud (2009), reforça essa perspectiva ao entender a arte como processo interativo, centrado na construção coletiva de significados, algo especialmente relevante no universo da EJA, marcado por narrativas de vida distintas e experiências compartilhadas.

Paralelamente, inspiro-me também no conceito de escritavência/escrevivência, de Conceição Evaristo (2017), de forma colaborar para ampliar o olhar sobre a vinculação entre experiência pessoal, memória e criação artística, orientando esta investigação na valorização das narrativas tanto dos estudantes quanto da docente-pesquisadora.

Com base nesses referenciais, a presente dissertação aborda o ensino das Artes Visuais na 9ª etapa da EJA do Ensino Médio, partindo do desenvolvimento de um Guia de Atividades modificado na Escola Estadual Professora Ruth Prestes Gonçalves, em Manaus. O estudo busca propor práticas pedagógicas que estimulem o envolvimento dos estudantes e promovam a experimentação como princípio organizador do processo educativo.

O objetivo geral consiste em relatar a experiência de aplicação de um conjunto de atividades direcionadas ao desenvolvimento da criatividade e à valorização da produção de artes dos educandos. Especificamente, pretende-se: (a) analisar desafios e potencialidades encontradas na aprendizagem em Artes Visuais; (b) experimentar propostas metodológicas fundamentadas na experiência artística; e (c) observar os impactos dessas práticas sobre o engajamento e a autoestima dos participantes.

Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo, de natureza aplicada, com caráter interventivo, apoiado na observação participante e integração na prática docente e fundamentação teórica, especialmente orientado pelo conceito de escritavência.

Entre os resultados esperados, destacam-se a aproximação entre a produção artística e o cotidiano dos estudantes, a superação de estigmas ligados à prática criativa e a ampliação do protagonismo dos educandos no processo de aprendizagem, tornando o ensino das Artes Visuais mais inclusivo, sensível e relevante para a EJA.

Por fim, justifica-se este estudo por sua contribuição ao debate sobre as práticas pedagógicas originais ao ensino das Artes Visuais na EJA, sobretudo no contexto amazônico, bem como pela busca de subsídios que aprimorem a atuação docente frente aos desafios atuais. A estrutura do trabalho é organizada em descrições, apresentadas nos capítulos seguintes.

2. Breve discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA no Brasil.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), reconhecida hoje como modalidade fundamental para a garantia do direito à educação a quem teve o percurso escolar interrompido ou negado, tem origens no cenário internacional ainda no século XIX, com experiências inglesas de educação complementares externas à formação continuada (Leite, 2013). No Brasil, as primeiras ações voltadas à alfabetização de adultos surgiram de forma esporádica durante o

período imperial, porém, só ganharam maior corpo político e pedagógico a partir da década de 1940, em meio ao processo de urbanização e industrialização do país. Projetos emblemáticos, como o Movimento de Educação de Base (MEB), delinearam um novo ciclo de atuação na alfabetização popular, ainda que, por muito tempo, as iniciativas fossem fragmentadas e pontuais.

Durante os anos de 1960, o cenário se transformou com a emergência de propostas mais estruturadas, notadamente lideradas pelas reflexões pedagógicas de Paulo Freire, que buscava promover a alfabetização para além da simples decodificação de palavras, defendendo uma prática capaz de fomentar autonomia, criticidade e consciência política entre jovens e adultos. Esse movimento inovador, no entanto, sofreu uma interrupção brusca com a instauração do regime militar em 1964, que reprimiu e perseguiu práticas educativas consideradas subversivas. A transição para a democracia, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, obteve avanços somados ao reconhecimento legal do direito à educação para todos na Constituição Federal de 1988 e, mais tarde, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996). Esses marcos consolidaram a EJA enquanto responsabilidade do Estado, abrindo espaço para a criação de políticas específicas que passaram a respeitar a diversidade das trajetórias de aprendizagem de adultos e jovens fora da “idade regular” escolar, com a finalidade de suprir uma lacuna educacional indispensável aos jovens e adultos carentes de uma educação fundamental. Segundo Sandra Fernandes Leite (2013),

A educação destinada ao atendimento de adultos ao longo da história recebeu diferentes conceitos. Ricco (1979) relata que, de um modo geral, a expressão “Educação de Adultos” representa um amplo processo de transformação, voltado especificamente para o atendimento dos indivíduos de 15 anos ou mais. Esta idade, segundo a autora, seria o marco de referência na separação entre a chamada “idade infantil” da “idade adulta”. Seja no plano nacional estabelecido pela legislação federal de ensino, ou seja Plano Internacional via recomendação da UNESCO, este momento foi tomado como base para a verificação do cumprimento ou não da escolaridade mínima. (p. 02)

Nas décadas subsequentes, programas como Brasil Alfabetizado, PROEJA e PROJOVEM buscaram ampliar o alcance da EJA, propondo articulações entre educação fundamental e formação profissional. Ainda assim, desafios históricos persistem: altos índices de analfabetismo, evasão e repetência continuam presentes, principalmente entre as camadas mais vulneráveis da população. Leite (2013) destaca que as políticas construídas ao longo do tempo alternaram entre abordagens compensatórias e projetos de transformação social, sendo marcadas por avanços e retrocessos condicionados ao cenário político e econômico do país.

A partir dos anos 2000, a discussão sobre a EJA ganha novo contorno ao ser reconhecida como expressão de uma dívida social histórica. Houve avanços importantes, como a inclusão da modalidade no cálculo dos fundos de financiamento da educação básica (FUNDEB), a criação de materiais didáticos próprios e a atenção às demandas alimentares e de transporte escolar. No entanto, Oliveira e Unibanco (2020) observam uma tendência preocupante de redução de matrículas e queda de investimentos, especialmente nos anos recentes, agravados ainda mais pelo contexto da Pandemia de Covid-19. Na contracorrente das dificuldades individuais de acesso ao EJA, o Observatório da Educação do Instituto Unibanco, aponta o declínio de verbas públicas para essa modalidade de ensino:

Ao observar a série histórica, compreende-se que as matrículas da modalidade vêm diminuindo sistematicamente desde 2017, dado que acompanha a sistemática queda nos investimentos públicos. O agravamento desses índices entre 2019 e 2020 apontam para a deterioração do contexto em razão da pandemia de covid-19. Em 2020, a Lei Orçamentária Anual (LOA) destinou a menor verba dos últimos anos para a EJA, R\$ 25 milhões. Em 2019, dos R\$ 74 milhões previstos, foram executados apenas R\$ 16,6 milhões. Um levantamento do Sistema Integrado de Operações (Siop) demonstra que esses são os menores investimentos da década, bem aquém dos R\$ 1,6 bilhão investidos em 2012, por exemplo. (2020, s/p)

Vivenciar a EJA nos dias atuais, na condição de educação, evidencia o quanto o acesso e a permanência na escola continuam sendo desafios centrais para parte significativa da população. Muitos estudantes que buscam essa modalidade lidam diariamente com jornadas de trabalho intensas, responsabilidades familiares e limitações impostas pela vida adulta, elementos que impactam diretamente suas possibilidades de aprendizagem. Além disso, as turmas de EJA são frequentemente compostas por sujeitos de diferentes idades, histórias, contextos culturais e expectativas, ou que exigem do ensino propostas realmente flexíveis, acolhedoras e contextualizadas (Arroyo, 2006).

Apesar dos avanços legais e das ações de diversas políticas públicas, a EJA enfrenta desafios atuais no país. Entre eles, destacam-se as elevadas taxas de analfabetismo entre adultos e idosos, a evasão escolar recorrente e os obstáculos ao acesso e permanência dos estudantes, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. Dados recentes apontam para o declínio contínuo no número de matrículas, situação agravada pela redução de investimentos orçamentários e pela pandemia de Covid-19, que aprofundou desigualdades sociais e educacionais (Monteiro, 2022; Sanches, 2023). Além disso, o atual modelo de financiamento da EJA, ainda que aprimorado com a inclusão da modalidade no FUNDEB, continua limitado diante da demanda real e dos desafios sistêmicos enfrentados por escolas e professores, perpetuando dificuldades históricas

quanto à estrutura escolar, materiais didáticos e formação continuada dos docentes (SciELO Preprints, 2022).

Nessa perspectiva, saber e a experiência de vida dos educandos tornam-se fundamentais para a construção de práticas pedagógicas relevantes. Inspirando-se em referenciais como Paulo Freire, compreende-se que o papel central da EJA é promover a emancipação, permitindo que os sujeitos se reconheçam como protagonistas de sua história e de sua aprendizagem. Enfrentar os desafios históricos e sociais da EJA exige compromisso político, sensibilidade para as demandas diversas desse público e valorização de suas trajetórias, de modo que o ensino seja sempre mais humanizador, democrático e transformador.

A Legislação nacional sobre a EJA, a legislação educacional vigente no Brasil inscreve a EJA como direito subjetivo a todos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade regular. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 208, inciso I, determina que o Estado deve garantir a oferta gratuita da educação básica obrigatória e, progressivamente, expandi-la, incluindo jovens e adultos em seus termos de direito. Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), especialmente nos artigos 37 e 38, detalha a operacionalização da EJA, garantindo a flexibilidade de currículos, metodologias adequadas e reconhecimento da experiência dos sujeitos desse público. É importante ressaltar que políticas complementares, como o FUNDEB, ampliaram o financiamento e consolidaram a importância da modalidade no sistema educacional brasileiro (Barbosa, 2010).

2.1. Contexto histórico da Educação de Jovens e Adultos - EJA no Amazonas.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma modalidade da educação básica destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade considerada regular. No Brasil, sua institucionalização foi consolidada com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996, que reconhece a EJA como parte integrante do sistema educacional e estabelece sua função de garantir o direito à escolarização ao longo da vida. Conforme estabelece a legislação educacional brasileira, a EJA deve oferecer oportunidades educacionais adequadas às características e condições de vida de jovens e adultos, respeitando suas necessidades e experiências sociais (DUARTE, 2024, p. 246).

Historicamente, a educação destinada a jovens e adultos no Brasil surgiu vinculada a iniciativas de alfabetização e campanhas voltadas à redução do analfabetismo, especialmente a partir do século XX. Essas iniciativas estavam relacionadas às desigualdades sociais e econômicas que impediram grande parcela da população de frequentar a escola na infância. Nesse sentido, Haddad afirma que a EJA “originou-se como resposta às desigualdades sociais

e educacionais, buscando reparar a exclusão escolar de amplos segmentos da população” (HADDAD, 1994, p. 11).

No contexto amazônico, a trajetória da Educação de Jovens e Adultos está diretamente relacionada às particularidades sociais, geográficas e culturais da região. A expansão territorial, as dificuldades de acesso às escolas e as condições socioeconômicas historicamente desfavoráveis contribuíram para a permanência de elevados índices de analfabetismo ao longo do século XX. De acordo com Miranda (2003), a implementação de políticas voltadas à EJA no estado do Amazonas ocorreu de forma gradual e muitas vezes vinculada a programas nacionais de alfabetização e educação popular.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o movimento de educação popular influenciado pelas ideias de Paulo Freire teve impacto significativo na concepção de educação para adultos no Brasil, incluindo a região amazônica. Nesse período, iniciativas de alfabetização passaram a enfatizar uma perspectiva crítica e emancipadora da educação. Para Freire (1996, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, princípio que influenciou profundamente as práticas educativas voltadas à EJA.

Paulo Freire ocupa uma posição central na construção da EJA como espaço emancipador e democrático. Sua pedagogia, fundamentada no diálogo, na problematização e no respeito aos saberes e experiências dos sujeitos, influenciou qualitativamente a concepção de educação de jovens e adultos ao proporcionar a alfabetização como encontro entre sujeito e mundo, não como mera transposição de conhecimentos. Na EJA, a abordagem freireana se expressa pela ênfase na conscientização, na leitura crítica da realidade e na promoção da autonomia e participação ativa dos educandos. Vários estudos atuais ressaltam que práticas inspiradas em Freire projetadas para uma educação transformadora, capaz de produzir mudanças efetivas tanto na trajetória individual dos alunos quanto no coletivo social (Almeida et al., 2024; Fernandes & Alvarenga, 2023).

A partir da década de 1990, com as reformas educacionais no Brasil e a promulgação da LDB de 1996, a Educação de Jovens e Adultos passou a ser reconhecida formalmente como modalidade da educação básica. Esse marco legal consolidou o direito à escolarização de jovens e adultos, ampliando as responsabilidades dos sistemas estaduais e municipais de ensino na oferta dessa modalidade. Nesse sentido, Belizario (2015) destaca que as políticas públicas voltadas à EJA no Amazonas passaram a incorporar diretrizes nacionais e debates oriundos de conferências e fóruns educacionais, fortalecendo a discussão sobre o direito à educação ao longo da vida.

No estado do Amazonas, as políticas públicas voltadas à Educação de Jovens e Adultos foram ampliadas especialmente a partir dos anos 2000, com a implementação de programas de alfabetização e iniciativas de aceleração da aprendizagem. Nesse período, destacam-se ações desenvolvidas em parceria com instituições de ensino superior, organizações sociais e movimentos educacionais que buscavam ampliar o acesso à escolarização para trabalhadores, populações ribeirinhas, indígenas e moradores de áreas periféricas (BELIZARIO, 2015).

Além disso, espaços de debate e articulação política, como o Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Amazonas, tiveram papel relevante na construção de políticas educacionais para o setor. Esses espaços contribuíram para discutir diretrizes pedagógicas, formação docente e estratégias de permanência dos estudantes na escola, fortalecendo a participação social na formulação das políticas educacionais voltadas à EJA no estado (BELIZARIO, 2015).

Nas últimas décadas, a expansão da modalidade no Amazonas tem ocorrido por meio da rede pública estadual e municipal de ensino, coordenada pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto e também pela Secretaria Municipal de Educação. A modalidade atende jovens a partir de 15 anos no ensino fundamental e adultos a partir de 18 anos no ensino médio, oferecendo oportunidades de conclusão da educação básica para aqueles que interromperam sua trajetória escolar. Atualmente, a EJA está presente em dezenas de escolas distribuídas entre a capital e o interior do estado, atendendo estudantes de diferentes contextos sociais, como trabalhadores, populações indígenas, pessoas privadas de liberdade e idosos que retornam à escola (AMAZONAS, 2023).

Nos últimos anos, políticas públicas têm buscado fortalecer essa modalidade no estado. Reformulações pedagógicas e administrativas foram implementadas com o objetivo de tornar a EJA mais atrativa e reduzir os índices de evasão escolar. Uma dessas mudanças foi a reorganização do tempo escolar, permitindo que estudantes concluam etapas do ensino fundamental e médio em períodos mais curtos, adequados às suas realidades de trabalho e vida (AMAZONAS, 2023).

Então temos até o ano de 2025, a Educação de Jovens e Adultos no Amazonas continua sendo um importante instrumento de inclusão educacional e social, embora ainda enfrente desafios relacionados à permanência dos estudantes, à formação docente específica e à ampliação da oferta em regiões de difícil acesso. Apesar dessas dificuldades, a EJA permanece como um campo de luta pelo direito à educação e pela redução das desigualdades educacionais historicamente presentes na região amazônica.

No Amazonas, a EJA, especialmente no Ensino Médio, assume um papel estratégico no combate às desigualdades sociais e na valorização da cidadania, contudo, enfrenta desafios

singulares: a geografia do estado, marcada por rios, florestas e distâncias continentais, dificulta o acesso de muitos estudantes às escolas; além disso, questões socioeconômicas e culturais agravam o quadro de evasão escolar e dificultam a permanência dos estudantes na modalidade. Existem vários obstáculos estruturais que estudantes e professores enfrentam – a evasão escolar, questões climáticas, falta de material didático, ausência de acolhimento pela comunidade escolar, investimento na formação continuada para os professores da EJA, as formações que eles acontecem estão voltadas para as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, não contemplando o Ensino das Artes. A falta de elaboração de material didático específico, são uma das causas da precariedade do ensino e a aprendizagem, em especial no Amazonas. Programas como o Ensino Mediado por Tecnologia e as ações itinerantes são exemplos de respostas às demandas regionais, mas que ainda carecem de maior investimento e avaliação crítica para a reconfiguração do Ensino da EJA, pois a partir delas é que poderemos construir currículos integrados à realidade dos estudantes e desenvolver outras propostas metodológicas mais próximas às condições de ensino e aprendizagem.

Entendemos que compreender as especificidades locais e os impactos das políticas públicas voltadas à modalidade torna-se fundamental para repensarmos a Arte como prática transformadora, pensada a partir da valorização da cultura local como ponto de intercessão entre conteúdos e vida cotidiana. Nessa perspectiva, não podemos abandonar as ideias pedagógicas de Paulo Freire, pois, a importância da escuta, da autonomia e da leitura de mundo são elementos essenciais para a construção de práticas pedagógicas emancipatórias para os estudantes da EJA.

Unindo-se a essas ideias, encontramos na Abordagem Triangular para o ensino da arte, de Ana Mae Barbosa (1987) caminhos importantes para pensar o ensino de Arte para a EJA, uma vez que é possível aproximar o meio ambiente em que os estudantes vivem das aprendizagens da Artes seguindo a valorização do que existe no cotidiano do estudante contextualizada nos conteúdos a serem desenvolvidos, o que possibilita uma leitura de mundo através da apreciação e, por conseguinte, a experimentação por meio da produção, o que nos leva à ideia da estética relacional, cunhada por Nicolas Bourriaud (1990), em que a arte surge como espaço de encontro e diálogo.

Ao cunhar o termo Estética Relacional (*Esthétique relationnelle*) nos anos de 1990, o propõe uma categoria de prática artística que toma como ponto de partida as relações sociais e contextos humanos, em vez do objeto artístico autônomo. Para Bourriaud, muitas obras contemporâneas criam “microtopias” – espaços temporários de encontro e experiência coletiva

– em que significado e estética se constroem nas interações entre participantes, artistas e público.

Na Estética Relacional, o papel tradicional do espectador como simples observador é substituído por uma experiência ativa, em que os participantes interagem entre si, influenciando a obra e sendo afetados por ela. Nesse sentido, a arte torna-se uma forma de vivência social, um campo para trocas, diálogo e construção coletiva de sentidos. Desta forma, a educação estética pode ser entendida como um processo de ampliação do repertório sensível e crítico dos estudantes por meio de experiências artísticas e culturais, em que a relação entre sensibilidade, expressão e reflexão é destacada como elemento central das Artes Visuais.

2.2. As Artes Visuais na Educação de Jovens e Adultos - EJA

Compreendendo a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como um espaço de reconstrução de saberes, trajetórias e dignidade, visualizamos o papel das Artes de suma importância para o desenvolvimento dos estudantes, à medida em que possibilita o diálogo com suas realidades e o desenvolvimento da sensibilidade crítica. Assim, ao experimentarmos diferentes práticas pedagógicas no contexto das artes visuais, estamos refletindo e analisando o repertório do estudante ao mesmo tempo em que o ampliamos.

Alguns autores, como Ana Mae Barbosa (2012) e Hernández (2007), alegam que o ensino e aprendizagem em Artes Visuais promovem uma experiência estética ao estudante, e discutem a importância dessa experimentação estética no processo educacional dos estudantes, como extensão da vida cotidiana, conforme esclarece a psicóloga Alice Casanova Reis (2011),

Nessa perspectiva, a experiência estética se configura a partir da percepção sensível envolvida na criação ou na contemplação de um objeto estético. Trata-se de uma relação ao mesmo tempo social e individual entre um sujeito e um objeto, pois na percepção estética estão envolvidos tanto significados socialmente compartilhados quanto sentidos que remetem à singularidade do sujeito dessa experiência. O objeto estético não é necessariamente uma obra de arte; pode ser também um objeto que não foi produzido originalmente com uma finalidade estética. Além disso, também a natureza por vezes nos brinda com seu espetáculo natural, podendo ser convertida em objeto estético pelo olhar humano. (p. 76)

Coadunando com Reis, entendemos que o objeto estético na EJA representa uma abertura para novos modos de ver, sentir e interpretar a realidade, especialmente para estudantes que muitas vezes foram afastados do processo educacional ou que nunca tiveram uma experiência ou experimentação artística.

Pensando na reparação histórica de inclusão social, no acolhimento de sujeitos que, por diversos motivos, tiveram seus direitos educacionais negados ou interrompidos, após uma sondagem junto aos estudantes, nos últimos 04 (quatro) anos de docência no EJA, foi observado a necessidade de criar um material que promovesse a aproximação dos educandos com as Artes Visuais, capaz de transformar a sala de aula num espaço de encontros e trocas, entre professor e aluno, entre os pares e consigo mesmos, para que a arte deixe de ser objeto estranho e isolado da vida cotidiana, para, assim, ser mediadora de diálogos e experiências compartilhadas, conectando saberes prévios e vivências individuais ao processo de aprendizagem estética e com a diversidade cultural da nossa região.

É nessa direção que vislumbramos a confecção de um “Guia¹ de Atividades para a Introdução do Ensino de Artes Visuais na EJA”, apresentando um espaço de diálogo com os saberes prévios dos estudantes, a experimentação estética e as teorias educacionais e as relacionadas ao ensino das Artes Visuais, de forma que a autoestima contribuía na qualidade de ensino em todas as áreas do conhecimento.

3. Como tudo começou: A minha história e superações.

Eu sou do norte, no meu sangue tem a mistura de indígenas, negros e portugueses. Nasci e cresci na zona urbana da cidade de Manaus, cidade de grandes contrastes geográficos e culturais, com muita riqueza e muita pobreza, aos meus olhos a maior riqueza concentra-se na nossa identidade cultural, além das belezas naturais em sua vasta floresta e seus igarapés de águas geladas, onde sempre mergulhei na busca da minha essência. Eu sempre falo que a ARTE nasceu comigo e, desde muito cedo, ainda na infância, eu fui cativada pelas artes, sendo o desenho minha forma de dialogar o mundo real com o dos sonhos. Uma forma de lidar com as perdas logo na infância.

O fascínio por desenhar me acompanhou durante meus estudos iniciais na Instituição Casa da Criança. Em 1981, entrei para o Grupo Escolar Saldanha Marinho no centro de Manaus, perto de onde moramos por alguns anos e depois fomos morar no Bairro São José 2, para onde nos mudamos em 1984. Morando no bairro São José 2 eu e meus irmãos, passamos a frequentar a casa Mamãe Margarida, lá era nosso porto seguro, passávamos as nossas tardes por lá, fazendo vários cursos que eram oferecidos gratuitamente, entre eles o de teatro amador, danças folclóricas, ballet básico, desenho e pintura, também fiz alguns cursos no Clube de Mães do bairro São José 2, como: flores artísticas, pintura plástica com arame e tinta, pintura em tecidos, pintura

¹ A palavra Guia neste conceito trata-se do caminho a ser percorrido pela docente, no sentido de trajetória.

em panos de pratos, entre outros, eu pintei muitos panos de prato pra vender, amava fazer e explorar minha criatividade.

Em 1986, já na adolescência, eu começo a fazer parte da Fanfarra do Instituto Benjamim Constant onde estudei da 5ª à 6ª série, depois fui para outra escola como bolsista, mas continuei na Fanfarra e também continuava fazendo os meus desenhos, desenhava muito de vestidos de festa, de noiva, na maioria das vezes eu não cobrava nada, eu fazia de graça, pois amava desenhar e vê-los prontos depois, eu fazia alguns desenhos para duas costureiras perto de casa, além de desenhar as minhas próprias roupas que uma costureira fazia para mim. Assim, as expressões artísticas sempre permearam minha vida e, como consequência, essa paixão que me levou a escolher essa área do conhecimento como profissão.

Em 1997, ingressei na UFAM no curso de Educação Artística com habilitação em desenho, sem muitas pretensões, a princípio eu queria ser uma grande estilista de moda, artista plástica, mas logo descobri que sairia professora habilitada em desenho ou música.

Assim, a minha trajetória de vida se transforma em um verdadeiro testemunho de resiliência, criatividade e compromisso com a promoção da arte e da educação em um contexto desafiador. É por meio do trabalho incansável e da minha paixão pela arte que espero deixar um legado que ultrapasse fronteiras geográficas e atemporais.

Eu sempre tive muita dificuldade para lidar com a perda daqueles que amo, luto contra a depressão desde criança, pois perdi meu pai muito cedo e, durante toda a minha vida, entro e saio das crises através da arte, das medicações e da Fé em Deus de que dias melhores virão, mesmo me sentindo no fundo do poço, à beira do abismo e olhando ele me chamando, eu luto pra viver e resisto e essa luta não é fácil, por isso que na minha vida artística teve vários “hiatos”, vários recomeços, mas nunca um ponto final, um fim – e esse fim a Deus pertence. Nos vários tratamentos para a depressão que já fiz, foi sugerido terapia de grupo, que eu nunca me adaptei, e o fazer manual os artesanatos, o fazer artístico sempre foi prazeroso para mim e terapêutico, eu sempre amei desenhar, pintar e customizar as minhas roupas, criar as minhas próprias bijuterias e acessórios de Boi e eu digo que sou uma Designer autodidata, pois aprendi sozinha, vendo vídeos no Youtube e no Pinterest.

Em 2018, eu fui diagnosticada com a Síndrome da Fibromialgia, essa síndrome me faz sentir muitas dores o tempo todo nas minhas articulações e juntas e pioram quando estou em crise, não é fácil conviver com essa doença, mas a gente vai se adaptando e aprendemos a conviver com a dor.

Em minha trajetória artística, houve um grande “hiato”, passei muitos anos me dedicando muito a sala de aula, as praticas pedagógicas na escola, só retornando em 2023, um

pouco antes da aprovação no Mestrado em Artes, e em 2024 eu volto com tudo no meu fazer artístico, foram vários fatores que me fizeram “parar por uns anos”. Fiz vários cursos, uma especialização e duas pós-graduação, também me dediquei a uma nova área, fiz o curso de Direito, sou Bacharel em Direito (2012-2016), e tudo isso foi me afastando do meu “Eu artístico”, e em 2023 eu participei de alguns eventos da FAARTES. Foi quando soube do Mestrado, e isso reacendeu chama das Artes que estava adormecida dentro de mim e a vontade de pintar novamente renasceu, devido a eu me dedicar somente à carreira do magistério, mais essa falta de produção me deixava infeliz e incompleta pois o Eu artista Visual estava adormecido, sufocado, guardado, devido a rotinas da vida pessoal e profissional. Daí vieram as crises depressivas e a ARTE sempre me curando, me trazendo de volta, foi durante a Pandemia da Covid-19 que eu perdi meu filho mais velho, com isso a depressão voltou mais forte e mais pesada e novamente foi a ARTE que me trouxe de volta a vida, o meu fazer artístico, foi fundamental no meu processo de cura, voltei a pintar, a criar as minhas biojoias e acessórios.

E o ano de 2024 foi o ano que eu começo o meu Mestrado em Artes na UFAM, foi um ano intenso, rico de atividades, um ano que me fez vivenciar as artes visuais, mais forte, um ano que passei a produzir muito mais, participei da Jornada Acadêmica (figura 2), SEPROFARTES (figura 3), participei das duas exposições de Artes Visuais nos referidos eventos, nas atividades acadêmicas do Mestrado em Artes, e também participei como jurada em Festivais Folclóricos no Amazonas.

Figura 1 – Exposição da Obra “Canoeiro” na Jornada Acadêmica 2024, Galeria do CAUA/UFAM.



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2024.

Figura 2 – Exposição da obra “Floresta Viva”, no III SEPROFARTES 2024 na Galeria do CAUA/UFAM.



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2024.

No começo do ano letivo de 2025, numa roda de conversa informal com umas alunas, no corredor da escola, falávamos sobre a Festa Julina da escola e sobre as danças que iam ter e eu falei brincando: “poxa, devia ter Carimbó” e, como eu amo dançar, as alunas apoiaram e

toparam a ideia. E então, como providência divina, chegou à nossa escola uma nova pedagoga, que é de Santarém e já teve grupo de dança por lá, eu a chamei para fazer parte junto a mim e com isso nasceu o “Carimbó da Ruth” no qual já estamos nos apresentando em arraiais da cidade, já fomos convidados pro arraial da Coordenadoria 06 e para o Festival Folclórico do Instituto Fazer o Bem Sem Olhar a Quem, o Carimbó da Ruth é sem fins lucrativos, ele foi criado e pensado para mantermos viva a nossa cultura, para que não haja o apagamento da nossa cultura regional e as nossas danças folclóricas fazem parte.

Tenho um gosto musical eclético que vai da música clássica ao Rock, da MPB ao Brega, passando por vários estilos e gêneros musicais, como o bailado do forró, Tecno Brega paraense e o Carimbó, que estão na minha vida desde que me entendo por gente, pois sou filha do norte com o nordeste, sou filha de uma paraense com um cearense, no meu sangue corre a força de povos guerreiros, negros e indígenas que se misturam com o português, não sou uma brincante (dançarina) de Carimbó profissional (figura 1), pois este é um hobby, algo bem amador ainda. Tanto que, no meu memorial de ingresso no mestrado do PROFARTES, eu não citei o Carimbó, pois só criei o grupo em 2025.

Figura 3 – Grupo Carimbó da Ruth



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2025.

Em 2025, participo da Exposição Criaturas com o Coletivo Diálogos Artísticos (figura 4), esse coletivo é formado em sua maioria por professores de Artes da Semed e da Seduc que também são artistas visuais.

Figura 4 – Exposição da obra “Guardiãs da floresta”, na Exposição Criaturas na Galeria do Largo.



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2025.

3.1. Vida acadêmica e experiências com as artes

Em 1997, ingressei na UFAM no curso de Educação Artística com habilitação em desenho, sem muitas pretensões, a princípio eu queria ser uma grande estilista de moda, artista plástica, mais logo descobri que sairia professora habilitada em desenho ou música. No começo não pensava em ser professora de artes, no entanto, as experimentações do curso foram despertando em mim o interesse pela sala de aula. Na graduação participei dos estágios obrigatórios e neles eu via a carência de profissionais formados em Educação Artística, naquela época, há mais de 20 anos, a carência era muito grande e percebi que era isso que eu queria: ser uma professora de artes.

Acredito no poder transformador que a ARTE tem, que a arte é uma forma de transformação pessoal e social, é capaz de despertar sensibilidades e ampliar horizontes. Com esse ideal, iniciei minha jornada como professora de Artes em uma escola pública de Manaus, depois passei em dois concursos e me tornei professora efetiva na SEDUC e na SEMED.

E em 2000 mesmo antes de concluir a minha formação em licenciatura em Educação Artística, já comecei a trabalhar em uma escola pública de ensino fundamental e ensino médio na periferia de Manaus, aliás eu comecei na mesma escola que fiz meu estágio supervisionado, foi uma grata surpresa, pois já conhecia alguns dos alunos das atividades em sala de aula e do projeto.

Em 2000, o projeto PICHÔ é desenvolvido depois da problemática das pichações nas paredes e muros da escola que eu fazia estagio, ele foi um projeto de extensão na graduação, em parceria UFAM/SEDUC-NTE (núcleo de tecnologia), nesse projeto trabalhamos a questão das pichações nas paredes da escola, a história da arte, com as pinturas rupestres, mostramos pros alunos através de fotos e vídeos os efeitos da poluição visual causada pelas pichações que eles chamavam de “arte” e fomos apresentando para eles o que era Arte e o quão transformador ela era. E isso mudou a realidade da escola, as pichações foram diminuindo até acabarem, pois os pichadores eram os mesmos que estavam no projeto e ele evoluiu para a arte do Grafitti, isso demonstra que mesmo diante de todos os desafios que encontramos no percorrer do caminho e com recursos limitados, é gratificante ver a mudança no ambiente escolar, com as atividades extracurriculares, eu sou das Artes Visuais mais sempre amei trabalhar com as outras linguagens artísticas como o teatro, música, dança e trabalhar as danças folclóricas é muito gratificante, pois incentiva os estudantes a valorizarem a nossa cultura e regionalidade e é um resgate de nossas origens e tradições culturais amazônicas (figura 5) pois observo que no decorrer dos anos houve o apagamento de muitas de nossas tradições folclóricas.

Como professora de Artes sei que tenho uma responsabilidade maior em manter viva e apresentar aos meus estudantes essas tradições para que eles conheçam e valorizem.

Figura 5 – Festival Folclórico da Escola Municipal Antonina Borges de Sá



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2003.

A experiência com o projeto PICHÔ me impulsionou a buscar alternativas para suprir essas carências e proporcionar aos meus alunos conhecerem as artes em todas as linguagens. Os desafios não tardaram a aparecer. A falta de recursos materiais e a carência de infraestrutura foram obstáculos constantes em minha caminhada. Mas, mesmo diante dessas dificuldades, fiz o possível para tornar a sala de aula um espaço acolhedor e inspirador. Transformamos materiais recicláveis em obras de arte, utilizamos as paredes como telas vivas, e juntos, exploramos todas as possibilidades de expressão artística que podíamos.

Em 2020, veio o isolamento social por conta da Covid-19 e em maio desse mesmo ano, eu senti a pior dor que poderia ter tido, que foi a perda do meu filho mais velho, que sofreu um acidente de moto e pegou Covid-19 no hospital e veio a falecer em maio de 2020. Eu também tive Covid-19 três vezes nesse ano e, por conta disso tudo, entrei em nova crise depressiva, a mais forte de todas, passei vários dias e meses dopada, pois tomava medicações fortes e, mais uma vez, é a arte que me tira do fundo do poço, depois de um ano de luto, começo a melhorar do luto, a depressão já está sob controle, então a designer de biojoias Deliene, ou melhor, “Delly Garcia biojoias”, surge em meio ao tratamento para a cura da crise de depressão, foi aí que eu comecei a produzi-la me curar e depois passei a vender, produzo brincos, colares e acessórios de Boi (figuras 6, 7, 8, 9, 10), que eu faço por encomenda e, mais uma vez, a Arte me salva de uma depressão profunda.

Figura 6 – Brincos com penas e pedrarias de Delly Garcia Biojoias



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2021.

Figura 7 - Eu e alguns clientes usando os acessórios de Boi de Delly Garcia Biojoias



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2023.

Figura 8 – Cocares de Boi de Delly Garcia Biojoias



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2023.

Figura 9 - Colares artesanais de Delly Garcia biojoias



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2023.

Figura 10 - Ombreiras e Max colares de Delly Garcia biojoias



Fonte: Acervo de Deliene Garcia, 2024.

3.2. Experiência com a EJA

A realidade de quando eu comecei a lecionar anos atrás, comparada aos dias de hoje, é tão diferente, os meus alunos hoje em dia estão muito mais conectados do que os do passado, lidamos com a geração Z, que começou por volta da década de 90, e vai até o ano de 2010, que é bem diferente daquela de quando eu era estudante, a geração atual chamada de geração Z tem

muito acesso à informação, aos recursos tecnológicos, uma rede de informações atualizadas a todo instante. Depois dela, vem a Geração Alfa, que é a geração totalmente nativa digital, tendo crescido em um mundo dominado pela tecnologia que domina os nossos dias atuais.

Em 2010, eu começo a trabalhar na SEDUC com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ensino médio, área em que fiquei por mais 4 anos até voltar para o ensino médio regular. Em 2013, na SEMED, comecei a trabalhar com a EJA no Ensino Fundamental 2, que compreende do 6.º ao 9.º ano. Na SEMED, a EJA é por fases. Sempre gostei de trabalhar com os meus alunos atividades práticas, tanto no Ensino Fundamental 2 e no Ensino Médio Regular, quanto na EJA, para que eles vivenciassem o que estavam aprendendo na teoria e, por isso, durante esses anos, produzi junto com os meus alunos muitas atividades que se transformaram em vários eventos nas escolas em que eu trabalhei, tanto estaduais quanto municipais, onde pude pôr em prática várias atividades com os meus alunos.

Depois que começou a pandemia de Covid-19, no ano de 2020, foi muito difícil, tudo mudou, pois não sabíamos como seria o amanhã, tudo era incerto, a única coisa que queríamos era sobreviver ao que estava por vir e o nosso trabalho precisou ser interrompido, devido ao isolamento social. Vimos que as coisas eram mais sérias do que imaginávamos, a maioria do comércio foi fechado, órgãos públicos, universidades e as escolas foram fechadas e, nesse momento, passamos a trabalhar “online”. Os professores nem sabiam direito como fazer essas aulas remotas, todas essas mudanças assustaram no início, a nós professores, aos alunos e seus pais, que, sem nenhum preparo, tinham que ajudar seus filhos, pois nunca tínhamos vivenciado isso, foi um grande aprendizado tanto para professor quanto para os alunos. Percebemos que muitos alunos não nos davam retorno, porque não tinham celular smartphone ou um computador em casa. Então havia duas realidades sociais dentro das escolas: os que tinham acesso a um computador ou celular e os que não tinham, e isso prejudicou muitos alunos, fora as quedas e falhas do sinal de internet.

4. “Guia de Atividades para o Ensino de Artes Visuais na EJA”

O desenvolvimento do Guia toma como referência os estudantes do turno noturno da Escola Estadual Professora Ruth Prestes Gonçalves, localizada no bairro Cidade Nova, na zona norte de Manaus, Amazonas, onde sou professora de Artes do Ensino Médio regular e também do EJA-Ensino Médio. O público da modalidade EJA é misto, formado de jovens com idade a partir dos 18 anos e adultos com idades variadas, uns com mais de 40 anos, que trabalham o dia todo e estudam à noite; e a maioria optam por estudar na Escola Ruth Prestes Gonçalves, por

esta ter uma localização privilegiada, fica numa avenida principal – próxima de um terminal de ônibus e de um shopping center, ou seja, os usuários do transporte público têm várias opções de rotas, tanto para chegar à escola ou para ir para casa.

A Escola Estadual Professora Ruth Prestes Gonçalves, atende ao Ensino Médio regular nos três turnos – matutino, vespertino e noturno, sendo que em 2020 começou a atender o público da Educação de Jovens e Adultos – EJA nos turnos vespertino e noturno. Em razão da falta de demanda para o vespertino, em 2021 passa a atender o público do EJA somente no noturno. São 06 turmas, sendo 02 (duas) da 9ª Fase, 02 (duas) da 10ª Fase e 02 (duas) da 11ª Fase; o ensino de Artes é ministrado somente às 9ª e 10ª fases, conforme determinação da SEDUC-AM. Nas turmas de ensino médio da EJA temos em média de 10 a 20 alunos por sala, perfazendo em média um total de 157 alunos, sendo 2 turmas de cada fase.

A instalação escolar possui dois pisos: no térreo temos as salas administrativas e técnicas, a biblioteca, um refeitório; um laboratório de informática, um laboratório de ciências; uma biblioteca; uma quadra esportiva descoberta; uma sala de professores e uma sala de recursos. No 1º andar ,temos: a sala de mídia e demais salas de aula, perfazendo um total de 22 salas, sendo 6 destinadas à Educação de Jovens e Adultos.

O perfil econômico do alunado é de baixa renda, alguns recebem auxílio do governo e outros não; muitos estudantes vislumbram na conclusão do ensino médio uma oportunidade de crescer profissionalmente e ou conseguir o primeiro emprego. Em sua maioria os estudantes não se sentem capazes de prosseguir os estudos, não pensam em cursar um ensino superior, pois muitos enfrentam uma rotina de trabalho diário, possuem responsabilidade familiar, distância geográfica da escola, além de muitos terem dificuldades na aprendizagem, seja por terem ficado muito tempo sem estudar, ou por terem algum problema cognitivo.

No que se refere ao material didático, alguns foram elaborados pelo MEC, como é o caso da recente “Práticas em Linguagem e cultura digital”, endereçada ao professor, ou ainda uma apostila distribuída pela SEDUC, em 2022; ambas pecam, pois, pressupõe que o estudante tenha tido aprendizados anteriores em Artes, o que foge à realidade do alunado da Escola Estadual Professora Ruth Prestes Gonçalves, com os quais trabalho atualmente.

Para a elaboração do nosso Guia tomamos como orientação didática-pedagógica a Abordagem Triangular para o Ensino de Artes, de Ana Mae Barbosa, formulado no final dos anos 1980. “Na Abordagem Triangular, o ensino de arte não se limita a ensinar ‘como fazer’, mas também a compreender e a colocar em contexto as manifestações artísticas” (Ana Mae BARBOSA, 2005, p. 5), assim, ao interligarmos os três eixos da abordagem, levamos aos estudantes contextos do cotidiano de trabalho, vida social e familiar, oportunizando leituras

estéticas de objetos e imagens que, a partir da observação nos conduzem à fruição com a Arte existente no meio ambiente e oportuniza a produção estética, conforme será detalhado.

Nessa perspectiva, a experiência estética se configura a partir da percepção sensível envolvida na criação ou na contemplação de um objeto estético. Trata-se de uma relação ao mesmo tempo social e individual entre um sujeito e um objeto, pois na percepção estética estão envolvidos tanto significados socialmente compartilhados quanto sentidos que remetem à singularidade do sujeito dessa experiência. O objeto estético não é necessariamente uma obra de arte; pode ser também um objeto que não foi produzido originalmente com uma finalidade estética. Além disso, também a natureza por vezes nos brinda com seu espetáculo natural, podendo ser convertida em objeto estético pelo olhar humano.

Entendemos, então, a educação estética como um processo formativo que envolve a sensibilidade, a percepção e a capacidade de se emocionar diante do mundo. Segundo Duarte Júnior (2000), educar esteticamente é oferecer ao sujeito a possibilidade de perceber-se no mundo de maneira sensível e crítica. Na EJA, isso representa uma abertura para novos modos de ver, sentir e interpretar a realidade, especialmente para alunos que muitas vezes foram afastados do processo.

Ana Mae Barbosa (2012), na sua *Abordagem Triangular*, propõe que a arte-educação deve integrar leitura de imagem, contextualização histórica e produção artística, respeitando os saberes prévios dos estudantes e estimulando sua criatividade, e é nessa direção que desejamos construir nossa “Proposta de Ensino de Artes Visuais para a EJA”, apresentando um espaço de diálogo, respeito e valorização da diversidade cultural dos sujeitos, de forma que a autoestima contribuía na qualidade de ensino em todas as áreas do conhecimento. Primeiramente vamos entender o que temos enquanto material didático, uma vez que já traçamos o perfil dos nossos estudantes.

Coadunamos com o pensamento de imbricamento, pois entendemos que diferentes atores se relacionam com diferentes formas de ensino e aprendizagem. Também, entendemos que a proposta de Ana Mae Barbosa (2012) vai de encontro com a de Paulo Freire (1996 - 2024), por considerar a experiência do estudante como forma de favorecer a sua aprendizagem. Ao propor uma atividade de criação de desenho, os estudantes não vão representar apenas uma cópia, mas vai procurar expressar algo do seu cotidiano.

Toma-se, também, como referência para esse estudo o conceito de Escrivência, de Conceição Evaristo que, embora esteja centrada nas vozes negras femininas, acrescenta à minha práxis docente a perspectiva do ensino e aprendizagem que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da professora e do meio ambiente em que os estudantes estão inseridos.

4.1. A experiência da Escritavivência/Escrevivência em Conceição Evaristo

A escritavência ou Escrevivência, conceito desenvolvido pela escritora e pesquisadora Conceição Evaristo, é uma das contribuições mais originais para a literatura e para a epistemologia social brasileira contemporânea, destacando-se sobretudo no âmbito da literatura afro-brasileira e do feminismo negro (EVARISTO, 2014; EVARISTO, 2020). Este termo, criado pela autora, expressa a articulação entre escrita, vida e experiência, evidenciando uma produção literária profundamente marcada pelo compromisso ético e político com as memórias e vivências de indivíduos e coletivos de sujeitos historicamente marginalizados, especialmente as mulheres negras.

De acordo com estudos críticos, a escrevivência não se reduz a uma escrita autobiográfica, mas configura-se como uma prática estética e política que entrelaça memória, corpo e experiência social. Nesse sentido, “a escrevivência [...] representa uma abordagem literária que entrelaça as vidas e vivências de mulheres negras na escrita” (MORAES et al., 2024, p. 3). Tal perspectiva evidencia o caráter coletivo da escrita evaristiana, que ultrapassa o individual para alcançar dimensões históricas e sociais mais amplas.

A própria autora define a escrevivência como uma escrita comprometida com a realidade vivida, sobretudo das mulheres negras. Em uma de suas afirmações mais emblemáticas, Evaristo destaca: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 54). Essa citação explicita o caráter crítico e insurgente da escrevivência, que se posiciona como instrumento de denúncia das desigualdades sociais e raciais.

Pesquisadores contemporâneos, como Nascimento (2019), enfatizam que a escritavência/escrevivência apresenta-se como um espaço de produção de conhecimento e de ressignificação da memória coletiva, conferindo centralidade às narrativas marcadas pela ancestralidade, pelo pertencimento e pela luta por justiça social. Sob essa perspectiva, a escritavência é uma epistemologia que emerge da experiência negra e que reposiciona a história oficial, como escreve Evaristo (2020) ao tratar da “potência de uma escrita elaborada a partir de memórias negadas”.

Sob essa perspectiva, a escrevivência configura-se como um espaço de resistência e de produção de conhecimento. Trata-se de uma epistemologia que emerge das experiências negras, especialmente femininas, e que ressignifica narrativas historicamente silenciadas. Conforme apontam estudos recentes, a escrevivência “nasce das vivências, especialmente das mulheres

negras, e possibilita transformar essas experiências em resistência e reconhecimento” (SILVA, 2025, p. 12).

Além disso, o conceito também pode ser compreendido como uma prática de reescrita da história. Ao transformar experiências individuais em narrativas literárias, a escrevivência contribui para a construção de uma memória coletiva, questionando discursos hegemônicos e promovendo novas formas de representação. Nesse sentido, ela “transforma relatos individuais em fontes históricas capazes de denunciar estruturas de opressão e resgatar memórias marginalizadas” (OLIVEIRA, 2025, p. 8).

‘Outro aspecto fundamental da escrevivência é sua dimensão identitária. Ao articular corpo, memória e ancestralidade, a escrita de Evaristo reafirma a centralidade da experiência negra na produção literária. O conceito, inclusive, pode ser entendido como uma “combinação de escrever, viver e se ver”, constituindo uma epistemologia afrocentrada que examina as experiências da população negra brasileira (EVARISTO, 2020). Dessa forma, a escrevivência rompe com paradigmas eurocêntricos de produção do conhecimento, propondo uma literatura situada e comprometida com a realidade social.

Ademais, a escrevivência também se apresenta como uma prática pedagógica potente, especialmente no contexto educacional. Ao valorizar as experiências dos sujeitos, ela contribui para processos formativos mais inclusivos e críticos, possibilitando a construção de identidades e o fortalecimento do pertencimento. Nesse sentido, sua aplicação em contextos educativos dialoga com perspectivas de educação emancipadora, como as defendidas por Paulo Freire, ao valorizar a experiência vivida como fonte legítima de conhecimento.

Nos espaços educativos, a escrevivência apresenta-se como ferramenta pedagógica potente, pois valoriza o cotidiano, a voz e a experiência dos estudantes como foco do processo de aprendizagem, ampliando a dimensão democrática e emancipadora da escola (FERREIRA, 2022). Essa perspectiva aproxima-se do pensamento freireano, ao enxergar na experiência vívida oportunidade para a construção de conhecimento crítico, privado e transformador.

Portanto, a escrevivência de Conceição Evaristo ultrapassa os limites da literatura, constituindo-se como uma prática estética, política e epistemológica. Ao dar centralidade às vozes historicamente silenciadas, a autora promove uma reconfiguração do campo literário brasileiro, contribuindo para a construção de uma narrativa mais plural, inclusiva e comprometida com a justiça social.

O Guia estabeleceu a experimentação como objetivo principal de articulação com a historicidade (contextualização), a apreciação (fruição) e a produção (experimentação), ressaltando que o objetivo da iniciativa é a introdução às Artes Visuais e como ela se relaciona

no cotidiano de cada um, ou seja, a sensibilização para a compreensão de que a Arte está em toda parte.

Nessa esteira, sistematizamos os conteúdos para serem desenvolvidos em:

- 12 aulas de 35 minutos cada para o desenvolvimento dos conteúdos;
- 02 aulas para organização de uma exposição com os trabalhos dos estudantes;
- Aulas são ministradas uma vez na semana;
- Período de desenvolvimento da experimentação do Guia: da segunda quinzena de agosto à primeira semana de dezembro.

5. Conteúdos elencados para o “Guia de Atividades”

- 1- O desenho e os seus elementos: ponto, linha, forma, cor, valor (luz e sombra), textura, proporção, perspectiva.
- 2- Escala de tons (luz e sombra), no desenho.
- 3- A composição nas artes visuais e os seus elementos: ponto, linha, forma, cor, tom (luz e sombra), textura, direção dimensão, escala e movimento.
- 4- A “natureza morta” é um gênero nas artes visuais, como fazer e quais os seus elementos? visa retratar objetos inanimados, naturais (frutas, flores, carcaças) ou artificiais (utensílios, livros, garrafas), dispostos de forma organizada numa composição.
- 5- As formas geométricas nas Artes Visuais e no cotidiano.
- 6- A Arte Rupestre os elementos que a compõe.
- 7- Teoria da cor: cores primárias, cores secundárias, cores terciárias.
- 8- Teoria da cor: cores neutras, cores quentes, cores frias.
- 9- As Artes Visuais no Amazonas.
- 10- Os principais artistas visuais no Amazonas.
- 11- Releitura de obras de artes de artistas amazonenses.
- 12- Organizando uma exposição.

5.1. Atividades introdutórias para o Ensino das Artes Visuais na EJA

5.1.1. Aula 01: Abordagem do Ver: O desenho e os seus elementos.

O desenho e seus elementos: ponto, linha, forma, cor, valor (luz e sombra), textura, proporção, perspectiva (figuras 11,12).

- 1º passo: Nesse primeiro momento, eu apresentei aos estudantes os elementos do desenho.
- 2º passo: Questionei se eles já conheciam esses elementos.
- 3º passo: Questionei se eles conseguiam aplicar esses elementos num desenho.
- 4º passo: Trazer de casa um objeto para ser o seu modelo de desenho.
- 5º passo: Produção do seu desenho de observação.

Figura 11 – Aula 01. Alunos desenhando



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 12 – Aula 01. Alunos desenhando



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 01: Os alunos não trouxeram o material solicitado, então eu fiz a demonstração com um desenho que eu levei, eles improvisaram com o que tinham disponível para poderem fazer o seu desenho de observação.

5.1.2. Aula 02: Escala de Tons: Abordagem do Ver

A Escala de Tons, ou Escala Tonal, é a ferramenta visual que organiza variações de luminosidade entre o branco absoluto e o preto absoluto, passando por tons médios de cinza (figuras 13,14). Ela é fundamental na arte e na fotografia, para definir contraste, criar volume, profundidade, e atmosferas.

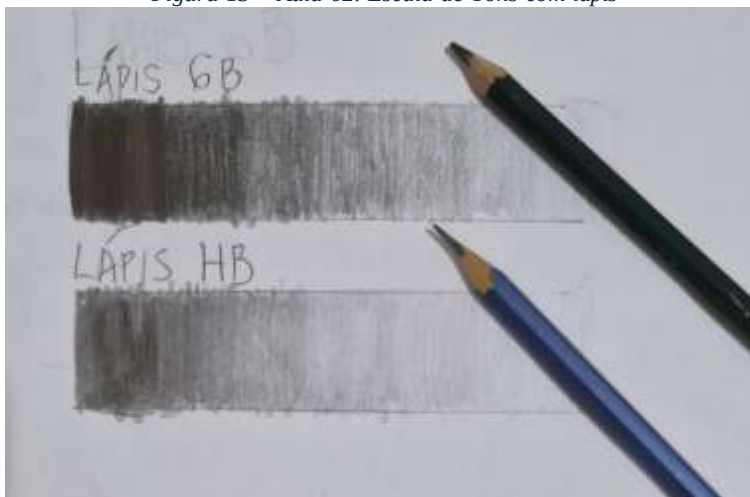
1º passo (fixação): Cada estudante apresenta seu objeto e explica os questionamentos da aula anterior.

2º passo: Apresentei uma Escala de Tons (luz e sombra), o uso do claro e escuro no desenho.

3º passo: Atividade de criar a sua escala de tons.

4º passo: Propor a composição usando a escala de Tons aplicando a técnica do claro e escuro no desenho.

Figura 13 – Aula 02. Escala de Tons com lápis



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 14 – Aula 02. Alunos fazendo a sua escala de Tons



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 2: Como os alunos não trouxeram o material solicitado, na aula anterior, eles continuaram fazendo os seus desenhos, aproveitaram para tirar dúvidas sobre as suas atividades, pois muitos se sentem tímidos para desenhar, mas observei que a atividade foi bem aceita por todos os alunos, nenhum se recusou a fazer.

5.1.3. Aula 3: A composição nas artes visuais

A composição nas artes visuais e os seus elementos: ponto, linha, forma, cor, tom (luz e sombra), textura, direção dimensão, escala e movimento. Os elementos da Composição.

1º passo: Relação com os movimentos artísticos, obra e autor.

2º passo: Apresentar os elementos da composição: ponto, linha, cor, forma, textura.

3º passo: Fazer um desenho rupestre (composto só de linhas). Questionando o que eles veem no desenho, o que aconteceu antes e depois do desenho.

4º passo: Propor a composição através de linhas.

Figura 15 – Aula 03. Alunos fazendo o seu desenho.



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 03: Nessa atividade, os alunos aprenderam sobre os elementos da composição, produziram os seus próprios desenhos usando esses elementos, percebi que eles não tiveram dificuldade e todos conseguiram fazer o seu.

5.1.4. Aula 04: Desenho de Natureza Morta

A “natureza morta” é um gênero nas artes visuais, como fazer e quais os seus elementos? visa retratar objetos inanimados, naturais (frutas, flores, carcaças) ou artificiais (utensílios, livros, garrafas), dispostos de forma organizada numa composição (figuras 16,17,18,19).

1º passo (fixação): Cada estudante apresenta a sua imagem ou objeto que irá desenhar.

2º passo: Os estudantes criam os seus desenhos.

3º passo: Apresentação de suas composições.

Figura 16 – Aula 04. Desenho de observação



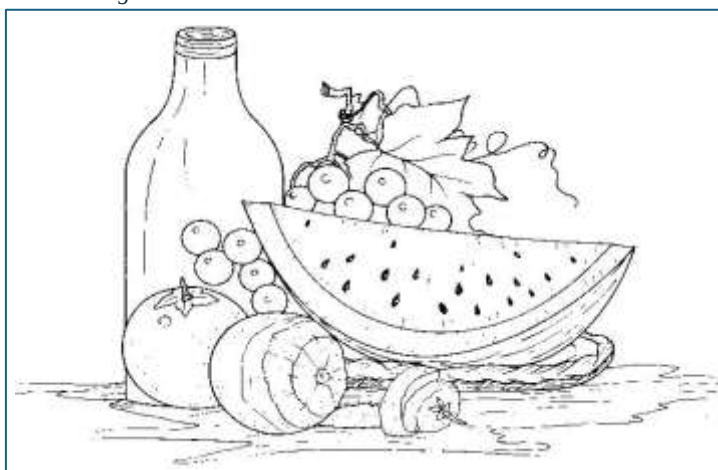
Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 17 – Desenho Natureza Morta



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/desenhar-uma-natureza-morta/> Acesso em: 19 março 2025

Figura 18 – Aula 04. Desenho Natureza Morta



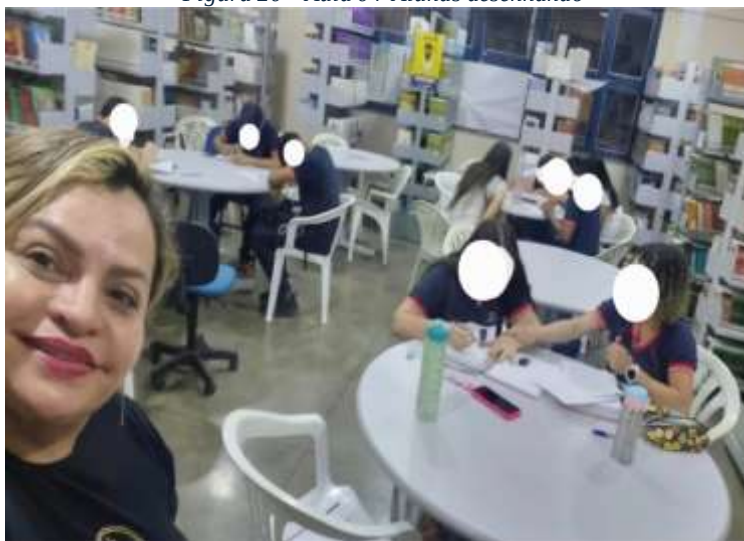
Fonte: <https://www.historiadasartes.com/desenhar-uma-natureza-morta/> Acesso em: 19 março 2025

Figura 19 – Aula 04. Pintura Natureza Morta



Fonte: <https://www.vangoghstudio.com/composition-in-red-blue-and-yellow-mondrian-reproduction/> Acesso em: 19 março 2025

Figura 20 – Aula 04 Alunas desenhando



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 4: Nessa atividade eu pude observar que alguns alunos tiveram um pouco de dificuldade para criar a sua composição, mas logo foram superadas e a maioria conseguiu fazer sem muito esforço.

5.1.5. Aula 05: Desenho de formas geométricas (figura 21).

1º passo: Apresentei aos alunos as obras de Piet Mondrian (figuras 22,23,24) pedi que eles pesquisassem sobre as formas geométricas nas obras de artes.

2º passo: Os alunos trouxeram as imagens para a sala de aula.

3º passo: Reproduziram os desenhos das formas geométricas.

Figura 21 – Aula 05. Desenho de Formas Geométricas



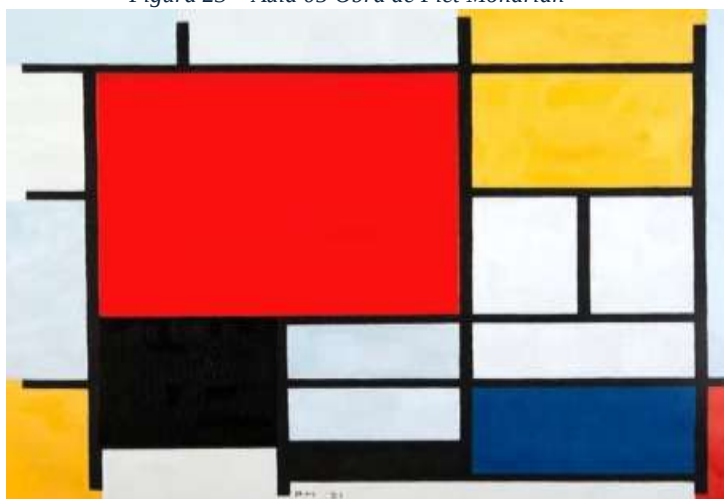
Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 22 – Aula 05 Obra de Piet Mondrian



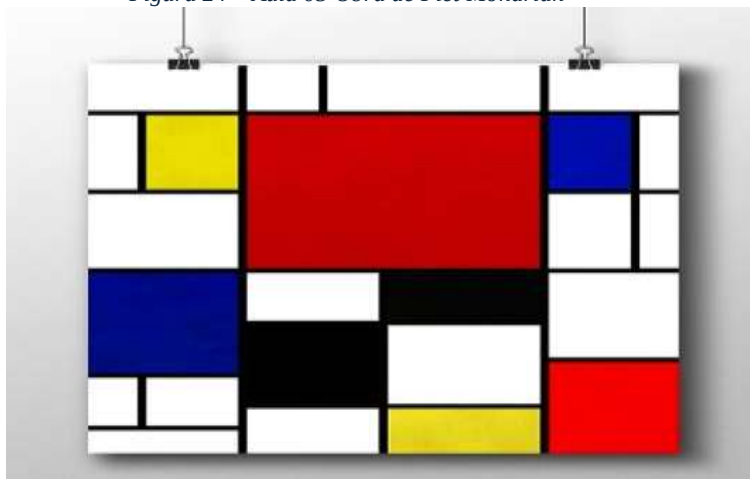
Fonte: <https://www.vangoghstudio.com/composition-in-red-blue-and-yellow-mondrian-reproduction/> Acesso em: 10 maio 2025

Figura 23 – Aula 05 Obra de Piet Mondrian



Fonte: <https://www.vangoghstudio.com/composition-in-red-blue-and-yellow-mondrian-reproduction/> Acesso em: 10 maio 2025

Figura 24 – Aula 05 Obra de Piet Mondrian



Fonte: <https://www.portaldearte.com.br/product-page/mondrian-composi%C3%A7%C3%A3o-com-vermelho-amarelo-e-azul> Acesso em: 10 maio 2025

Figura 25 – Aula 05 Alunos desenhando



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 05: Pra essa atividade, eu trouxe para a sala de aula obras de arte de Piet Mondrian), desenhos de formas geométricas para os estudantes observarem as diversas formas geométricas e, a partir das imagens apresentadas, eles também observassem as formas geométricas encontradas na sala da biblioteca e em seguida foi solicitado que reproduzissem as suas formas geométricas.

5.1.6. Aula 06: Arte Rupestre

1º passo (fixação): Para essa atividade, eu trouxe 03 imagens de pinturas Rupestres (figuras 26, 27 e 28) e falei sobre o período que elas representam na história e as fases de Arte Rupestre e pedi que eles fizessem uma pesquisa sobre a Arte Rupestre.

2º passo: Cada estudante apresenta a sua pesquisa sobre Arte Rupestre, o que encontrou na pesquisa, o que chamou a sua atenção, e será o seu objeto de estudo, também apresentei os elementos que compõem a Arte Rupestre.

3º passo: Criar o seu próprio desenho rupestre (composto só de linhas). Questionando o que eles veem no desenho, o que aconteceu antes e depois do desenho.

4º passo: Propus uma auto avaliação do desenho feito.

Figura 26 – Aula 06. Pintura Rupestre



Fonte: <https://alinehannun.blogspot.com/2013/05/a-evolucao-da-arte-no-mundo-arte.html> Acesso em: 04 julho 2025

Figura 27 – Aula 06. Pintura Rupestre



Fonte: <https://alinehannun.blogspot.com/2013/05/a-evolucao-da-arte-no-mundo-arte.html> Acesso em: 04 julho 2025

Figura 28 – Aula 06. Pintura Rupestre Mãos em Negativo



Fonte: <https://alinehannun.blogspot.com/2013/05/a-evolucao-da-arte-no-mundo-arte.html> Acesso em: 04 julho 2025

Figura 29 – Alunos desenhando



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 06: Pra essa atividade eu apresentei para os estudantes a Arte Rupestre, apresentei as imagens de pinturas rupestre, explanei sobre os elementos

da dessa Arte e o seu período na história, além de falar dos achados arqueológicos de Arte Rupestre no Brasil, alguns estudantes ficaram surpresos com a informação pois desconheciam.

Figura 30 – Aula 07. As cores primarias e secundarias



Fonte: <https://www.significados.com.br/cores-primarias/> Acesso em: 15 agosto 2025

5.1.7. Aula 07: Teoria das cores: cores primárias, secundárias e terciárias (figura 30).

1º passo: Técnica de pintura criativa com guache, reaproveitando cartela de ovos. Relação com os movimentos artísticos, obra e autor.

2º passo: Observar a textura aonde será aplicada a tinta.

3º passo: Criar a sua composição e pintar com guache.

4º passo: Apresentei aos alunos algumas obras abstratas para que eles pudessem compreender a dinâmica da atividade.

Figura 31 – Aula 07. Alunos recebendo orientações sobre atividade



Fonte: acervo pessoal de Deliene

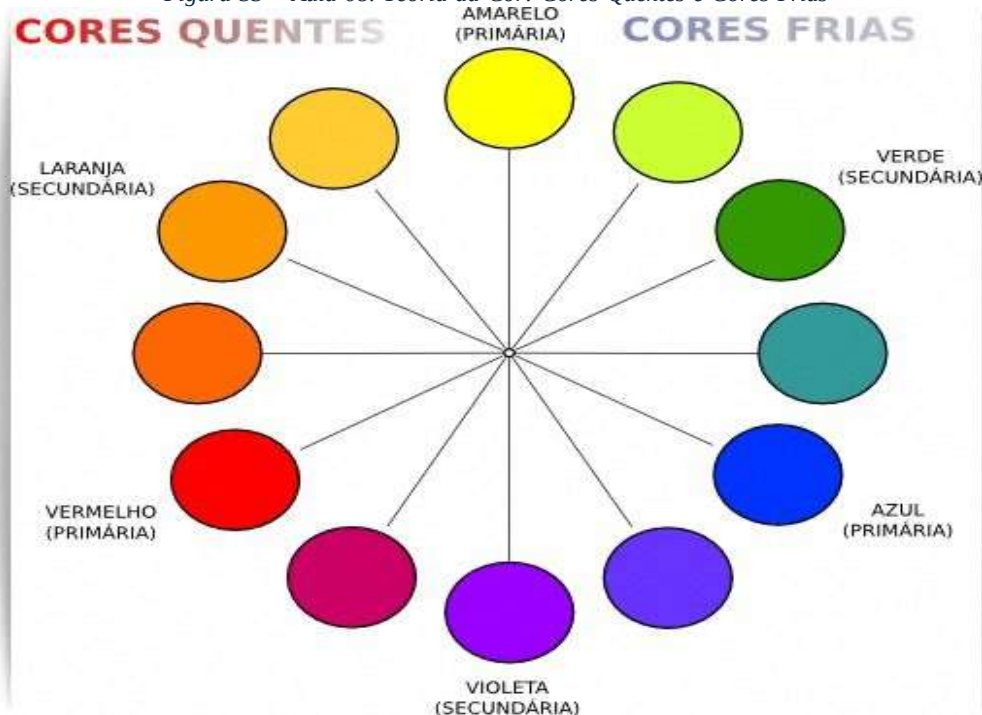
Figura 32 – Aula 07. Alunas Pintando



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 07: Pra essa atividade que fizemos em duas aulas, foram apresentadas obras abstratas, expliquei como eles iam produzir as suas pinturas, pois como o tempo é reduzido, não tinha como ser feita em uma aula, pois a tinta não secaria, observei que alguns alunos se dedicaram mais na pintura e outros não, ficaram mais tímidos e receosos.

Figura 33 – Aula 08. Teoria da Cor: Cores Quentes e Cores Frias



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/cores-quentes/> Acesso em 15 agosto 2025

5.1.8. Aula 08: Teoria das cores: cores quentes e cores frias (figura 33).

1º passo: Relação com os movimentos artísticos, obra e autor.

2º passo: Técnica de pintura criativa com guache, reaproveitando cartela de ovos. Observar a textura aonde será aplicada a tinta.

3º passo: Criar a sua composição e pintar com guache.

4º passo: Apresentei aos alunos algumas obras abstratas para que eles pudessem compreender a dinâmica da atividade.

Figura 34 – Aula 08. Alunos pintando



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 35 – Aula 08. Alunos pintando



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 08: Na segunda aula dessa atividade, os alunos faltosos fizeram as suas composições, uns que não gostaram da primeira, refizeram, observei que eles gostaram dessa atividade, relaxaram e o discurso de “não sei fazer” e “não tenho talento” não foi usado por alguns alunos, se dedicaram mais na pintura e outros não, que ficaram mais tímidos e receosos, um aluno autista foi o mais compenetrado e

a sua pintura foi uma das composições que eu mais gostei, então os demais alunos produziram as suas pinturas para que no final fizéssemos um mural.

Figura 36 – Aula 08. Painel das pinturas criativas dos alunos



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 37 – Alunos no Painel com suas pinturas criativas



Fonte: acervo pessoal de Deliene

5.1.9. Aula 09: Desenho da natureza a sua volta (figura 38).

1º passo: Pesquisaram sobre os tipos de vegetação que tinham em casa, no caminho do trabalho ou da escola, tiraram fotos no celular.

2º passo: Trouxeram as imagens para a sala de aula.

3º passo: Reproduziram os desenhos em sala de aula.

Figura 38 – Aula 09 Alunos desenhando



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 09: Nessa atividade os alunos aplicaram o que já haviam aprendido sobre os elementos da composição, e produziram os seus próprios desenhos usando esses elementos, percebi que eles não tiveram dificuldade e todos conseguiram fazer o seu desenho.

5.1.10. Aula 10: Alguns dos principais Artistas Visuais no Amazonas.

1º passo: Para essa atividade eu apresentei pra eles a história das artes visuais no Amazonas, e alguns dos principais nomes (figuras 39,40,41,42,43,44,45,46,47,48,49,50,51) e pedi que eles fizessem uma pesquisa sobre os artistas visuais amazonenses.

2º passo: Pesquisar a vida e a obra de um artista amazonense.

3º passo: Trazer a pesquisa e a imagem escolhida pra sala de aula.

4º passo: Reproduzir a obra escolhida à sua maneira, usando uma das técnicas ensinadas em sala de aula.

Figura 39 – Eu e o artista Freyzer Andrade com um retrato feito por ele



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 40 – Eu e os retratos feitos pelo artista Freyzer Andrade.



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 41 – Com a artista Hadna Abreu na exposição “Linhas do Tempo” com a sua obra Vovó Teresinha



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 42 – Obra Vovó Lúcia da Exposição “Linhas do Tempo



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 43 – Com o artista Jair Jacqmont na exposição “Tramas Amazônicas”

Obras: Flores Brasileiras e Flores brasileiras com chita



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 44 – Com o artista Jair Jacqmont na exposição “A arte da Amazônia”



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 45 – Obra e artista Rubens Belém



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 46 – Eu e o artista Rubens Belém na exposição “A arte da Amazônia”



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 47 – Obra da Artista Rakel Caminha



Fonte: <https://emtempo.com.br/57249/sem-categoria/artista-rakel-caminha-lanca-projeto-de-colagem-em-audiovisual/>
Acesso em: 09 setembro 2025

Figura 48 – Obra e Artista Otoni Mesquita



Fonte: <https://www.acritica.com/entretenimento/otoni-das-70-mesquitas-exposic-o-comemora-os-70-anos-do-artista-1.311841> Acesso em 09 setembro 2025

Figura 49 – Obra Teatro e artista Rui Machado



Fonte: <https://ruimachado.com.br/ru-i-machado-apresenta-43-obras-ineditas-em-exposicao-amazonia-arte-fatos/> Acesso em:
09 setembro 2025

Figura 50 – Obra e Artista Paulo Cantalice



Fonte: <https://amazonasatual.com.br/galeria-5-artistas-plasticos-do-amazonas-que-voce-precisa-conhecer/> Acesso em 09 setembro 2025

Figura 51 – Obra e artista Priscila Pinto



Fonte: <https://ufam.edu.br/ultimos-eventos/370-professora-priscila-pinto-expoe-longe-perto-e-invisivel-na-casa-das-artes-nesta-quinta-feira-15.html> Acesso em: 09 setembro 2025

Figura 52 – Roda de conversa sobre os artistas amazonenses.



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 53 – Alunos apresentando sobre os artistas amazonenses.



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 10: Pra essa atividade, tivemos rodas de conversas (figura 52), foram apresentada obras de artistas amazonenses, expliquei como eles iam fazer a pesquisa e a reproduzir as suas pinturas (figura 53), pois como o tempo era reduzido não tinha como ser feita em uma aula, pois eles teriam que escolher qual técnica aprendida seria usada nesse trabalho. Observei que alguns alunos se dedicaram mais na pintura, outros no desenho e outros não, ficaram mais tímidos e receosos, mas no fim fizeram.

5.1.11. Aula 11: Releitura de obras de artes de artistas amazonenses (figura 54).

1º passo: Nessa atividade, os alunos trouxeram as suas pesquisas e imagens de obras de artes de artistas amazonenses, pedi que eles escolhessem uma obra.

2º passo: Trazer a pesquisa e a imagem escolhida pra sala de aula.

3º passo: Reproduzir a obra escolhida a sua maneira, usando uma das técnicas ensinadas em sala de aula.

4º passo: Essa atividade foi desenvolvida em duas aulas, mais a pesquisa feita anteriormente.

Figura 54 – Aula 11. Aluno apresentando o seu artista



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 55 – Aula 11. Aluna apresentando o seu artista



Fonte: acervo pessoal de Deliene

- Considerações sobre a aula 11: Pra essa atividade, fizemos em duas aulas, foram apresentadas obras de artistas amazonenses, expliquei como eles iam fazer a pesquisa e a reproduzir as suas pinturas, pois como o tempo era reduzido não tinha como ser feita em uma aula, pois eles teriam que escolher qual técnica aprendida seria usada nesse trabalho, observei que alguns alunos se dedicaram mais na pintura, outros no desenho e outros não, ficaram mais tímidos e receosos, mas no fim fizeram.

5.1.12. Aula 12: Organizando uma Exposição: quais os itens de identificação de uma obra de arte (nome do artista, ano, técnica, etc.), confecção dos cavaletes de mesa, seleção e organização das obras e do espaço que ficará na exposição.

6. Análise e Discursão dos Resultados

Ao analisar os resultados desta pesquisa fundamenta-se nas experiências desenvolvidas no ensino das Artes Visuais com estudantes da 9ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Estadual Professora Ruth Prestes Gonçalves, em Manaus. A partir da aplicação das pranchas de atividades introdutórias, foi possível observar transformações significativas no engajamento, na participação e na percepção dos estudantes em relação ao fazer artístico.

Inicialmente, constatou-se que muitos educandos apresentavam resistência às atividades propostas, frequentemente associada a inseguranças e à crença de que não possuíam habilidades para desenhar ou produzir artisticamente. Essa percepção está alinhada ao que aponta Barbosa

(2012), ao afirmar que o ensino tradicional de arte, muitas vezes centrado na técnica, contribui para a exclusão simbólica de sujeitos que não se reconhecem como capazes de produzir arte.

No entanto, à medida que as atividades baseadas na experimentação foram sendo desenvolvidas, observou-se uma mudança gradual na postura dos estudantes. A proposta de trabalhar com materiais diversos, sem a exigência de resultados técnicos específicos, favoreceu a liberdade de expressão e a construção de um ambiente mais acolhedor. Nesse sentido, a experimentação mostrou-se um elemento fundamental no processo de aprendizagem, corroborando a ideia de que o fazer artístico deve ser compreendido como processo e não apenas como produto final.

Essa mudança de perspectiva pode ser compreendida à luz da pedagogia crítica de Freire (1996), que defende a valorização dos saberes dos educandos e a construção coletiva do conhecimento. Ao reconhecer as experiências de vida dos estudantes como ponto de partida para as atividades, a prática pedagógica contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre os sujeitos e o processo educativo.

Outro aspecto relevante observado foi o aumento do engajamento e da participação dos estudantes durante as aulas. As atividades que envolviam diálogo, troca de experiências e construção coletiva apresentaram maior adesão, evidenciando a importância das relações interpessoais no processo de aprendizagem. Tal resultado dialoga com a perspectiva da estética relacional proposta por Bourriaud (2009), segundo a qual a arte se constitui nas interações humanas e nas experiências compartilhadas.

Além disso, a aplicação da abordagem triangular de Barbosa (2012) possibilitou uma compreensão mais ampla do ensino das Artes Visuais, ao integrar momentos de produção artística, apreciação de imagens e contextualização. Os estudantes passaram a não apenas produzir, mas também interpretar e refletir sobre as obras, ampliando sua percepção estética e crítica.

A utilização do conceito de escrevivência, de Evaristo (2017), também se mostrou significativa no desenvolvimento das atividades. Ao incentivar os estudantes a relacionarem suas produções artísticas com suas vivências pessoais, foi possível promover uma maior identificação com o processo criativo. As narrativas emergentes durante as aulas evidenciaram a riqueza das experiências dos educandos, contribuindo para a construção de sentidos mais profundos no aprendizado.

Como resultado, destaca-se a superação, ainda que parcial, de estigmas relacionados ao fazer artístico, especialmente a ideia de “não saber desenhar” ou “não ter talento”. Os estudantes

passaram a reconhecer suas produções como válidas, independentemente de padrões estéticos convencionais, o que contribuiu para o fortalecimento da autoestima e da autoconfiança.

Observou-se, também, a aproximação entre arte e cotidiano, uma vez que as atividades propostas dialogavam com a realidade dos estudantes, permitindo que elementos de suas vivências fossem incorporados às produções artísticas. Esse aspecto reforça a importância de práticas pedagógicas contextualizadas, especialmente no âmbito da EJA.

Entretanto, alguns desafios também foram identificados, como o tempo reduzido das aulas, a heterogeneidade da turma e as dificuldades iniciais de participação de alguns estudantes. Tais aspectos evidenciam a necessidade de continuidade e aprofundamento das práticas propostas, bem como de políticas educacionais que valorizem o ensino das Artes Visuais na EJA.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa indicam que a experimentação, aliada a abordagens pedagógicas críticas e sensíveis às vivências dos educandos, pode contribuir significativamente para a construção de um ensino de Artes Visuais mais inclusivo, participativo e significativo.

7. Considerações Finais

A presente dissertação teve como objetivo apresentar um relato de experimentação no ensino das Artes Visuais na 9ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Médio, desenvolvida na Escola Estadual Professora Ruth Prestes Gonçalves, na cidade de Manaus. A partir da elaboração e aplicação de um guia de atividades baseado na experimentação, buscou-se promover o engajamento dos estudantes e contribuir para o desenvolvimento de suas capacidades expressivas, criativas e críticas.

Desde o primeiro pensamento deste projeto, foi pensada na elaboração de um guia de atividades práticas em Artes Visuais para o ensino das artes na EJA, lembro das dificuldades dos meus alunos e em especial de minha mãe, que concluiu os seus estudos na Educação de Jovens e Adultos, e o quão difícil era encontrar conteúdos e materiais para fazer as atividades das aulas.

A proposta surge da necessidade de se ter um material introdutório para o Ensino das Artes Visuais nas aulas de Artes, que seria um guia de orientação para os alunos, seria o guia de atividades, pois observo eles meio perdidos, sendo assim eles teriam um norte, uma direção e se orientariam melhor quando os professores fossem sugerir as atividades em sala de aula,

eles já teriam uma ideia do que seria e conseguiriam desenvolver melhor as atividades que fossem propostas por seus professores.

Quando a proposta foi planejada para ser submetida ao programa de Mestrado ProfArtes 2023, eu levei em consideração a dificuldade dos alunos, devido à falta de material didático para as aulas de Artes na EJA. Nos anos de 2022 e 2023 chegaram apostilas para o EJA, enviadas pela SEDUC (figuras 56 e 57), mas era um conteúdo muito escasso no campo das artes, contei numa 21 páginas e outra 23 para a disciplina de Artes e os conteúdos nelas não contemplam as necessidades dos estudantes.

Observei que ter um professor com formação na área das artes visuais traz uma maior facilidade, com mais vantagem em relação aos demais colegas. Na SEDUC, acontece muitas vezes, para completar carga, de colocarem para ministrar as aulas de ARTES professores formados em outras áreas, e isso torna tudo mais difícil para eles, para a execução desses e outros conteúdos, mas claro que isso não acontece sempre, por isso vejo que ter um material introdutório no ensino das Artes Visuais é de grande valia para os alunos e torna a realização dessas atividades muito mais satisfatórias para os alunos, pois tive uma ótima aceitação e participação por parte dos alunos. Uma das questões que atrapalha muito é o número de aulas, somente uma por semana, e o tempo de duração das aulas, como essas atividades foram desenvolvidas e aplicadas no turno noturno, o tempo da aula é mais reduzido, pretendo replicar essas atividades com as novas turmas futuras e incluir novas atividades.

Os resultados obtidos evidenciam que o ensino das Artes Visuais, quando orientado por práticas pedagógicas sensíveis às vivências dos educandos, pode desempenhar papel significativo na formação integral dos sujeitos da EJA. A experimentação, enquanto eixo metodológico, mostrou-se fundamental para a superação de bloqueios relacionados ao fazer artístico, especialmente no que diz respeito à ideia de incapacidade ou ausência de talento. Nesse sentido, a pesquisa reafirma a importância de uma prática educativa fundamentada nos pressupostos da pedagogia crítica, conforme Freire (1996), ao valorizar os saberes dos estudantes e promover uma educação dialógica e emancipadora. Ao reconhecer os educandos como sujeitos ativos no processo de aprendizagem, foi possível construir um ambiente mais participativo e significativo.

A articulação com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2012) contribuiu para a ampliação das possibilidades de ensino das Artes Visuais, ao integrar o fazer artístico, a apreciação e a contextualização. Essa perspectiva favoreceu não apenas a produção artística, mas também o desenvolvimento da leitura de imagens e da compreensão crítica da arte em seus diversos contextos.

Da mesma forma, a estética relacional de Nicolas Bourriaud (2009) mostrou-se pertinente ao evidenciar a arte como espaço de encontro e interação, fortalecendo as relações entre os estudantes e promovendo experiências coletivas de aprendizagem. Esse aspecto revelou-se especialmente relevante no contexto da EJA, onde as trajetórias de vida e as experiências compartilhadas constituem elementos centrais do processo educativo.

O conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo (2017), também se destacou como importante aporte teórico-metodológico, ao possibilitar a valorização das narrativas dos estudantes e da professora-pesquisadora. A integração entre vivência e prática pedagógica contribuiu para a construção de um ensino mais humano, sensível e contextualizado. Além disso, a pesquisa evidenciou a aproximação entre arte e cotidiano como elemento essencial para o engajamento dos estudantes. Ao relacionar as atividades propostas com as experiências de vida dos educandos, foi possível promover maior identificação com o processo de aprendizagem, fortalecendo a autoestima e a autoconfiança.

Entretanto, é importante destacar que o desenvolvimento da pesquisa também evidenciou desafios, como o tempo limitado para a realização das atividades, a heterogeneidade da turma e as dificuldades iniciais de participação de alguns estudantes. Tais aspectos indicam a necessidade de continuidade e aprofundamento das práticas propostas, bem como de maior valorização do ensino das Artes Visuais no contexto da EJA.

Ao longo do desenvolvimento do guia, constatou-se que os estudantes da EJA trazem consigo repertórios culturais diversos, experiências de vida marcadas pelo trabalho, pela família e por trajetórias interrompidas de escolarização. Nesse contexto, o ensino das Artes Visuais, fundamentado nas contribuições de Ana Mae Barbosa, especialmente na abordagem triangular (apreciação, contextualização e produção), mostrou-se eficaz para promover não apenas a aprendizagem técnica, mas também a leitura crítica de imagens e a valorização da identidade cultural dos educandos.

Além disso, ao dialogar com perspectivas contemporâneas, como a estética relacional proposta por Nicolas Bourriaud, compreende-se a arte como espaço de encontro, troca e construção coletiva de sentidos — aspecto fundamental no contexto da EJA, onde o compartilhamento de experiências fortalece vínculos e amplia o sentimento de pertencimento escolar.

O Guia de Atividades de Artes Visuais configurou-se, portanto, como um instrumento pedagógico que articula teoria e prática, promovendo atividades significativas, interdisciplinares e conectadas à realidade sociocultural dos estudantes. As propostas desenvolvidas favoreceram a autonomia, a expressão criativa, a reflexão crítica sobre a cultura

visual contemporânea e o reconhecimento das múltiplas identidades presentes no ambiente escolar.

Dessa forma, podemos dizer que a experimentação no ensino das Artes Visuais constitui uma estratégia potente para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e significativas. A proposta do guia de atividades apresenta-se como uma contribuição concreta para o campo educacional, podendo ser adaptada e aplicada em outros contextos da EJA.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para o fortalecimento do ensino das Artes Visuais na Educação de Jovens e Adultos, especialmente no contexto amazônico, incentivando novas investigações e práticas pedagógicas que valorizem os sujeitos, suas histórias e suas formas de expressão.

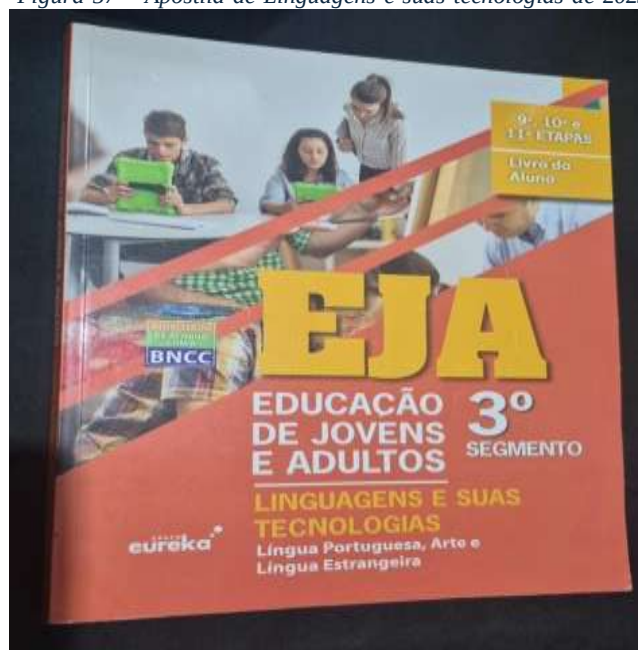
Conclui-se que o ensino das Artes Visuais na 9ª Etapa da EJA, quando estruturado de maneira humanizada, participativa e metodologicamente fundamentada, contribui para o fortalecimento da autoestima dos estudantes, para a permanência na escola e para a consolidação de uma educação emancipadora. Assim, o Guia de Atividades não se limita a um conjunto de propostas didáticas, mas se constitui como uma ferramenta de transformação pedagógica, reafirmando a Arte como campo essencial na formação integral dos sujeitos da EJA.

Figura 56 – Apostila de Linguagens e suas tecnologias de 2022



Fonte: acervo pessoal de Deliene

Figura 57 – Apostila de Linguagens e suas tecnologias de 2023



Fonte: acervo pessoal de Deliene

8. Caixinhas De Memórias

Relato de uma ex-aluna da EJA 10ª Fase: “Professora lá atrás na 9ª Fase, quando a sra passou uma atividade sobre desenho em sala de aula, eu fiquei pensando nisso e fiz dois cursos livres de desenho e agora eu faço alguns trabalhos e vendo.” Eu respondi: que isso prova como as artes podem mudar vidas.

Relato de um aluno da EJA 9ª fase: “Mas, professora, pra que eu tenho que desenhar? Em que isso vai me ajudar? Se isso desse ao menos dinheiro.” Ao qual eu respondi: “mas se você se aperfeiçoar nas aulas e aprender as técnicas, poderá vender os seus desenhos.”

Relato de um ex-aluno da EJA 11ª Fase: “Professora, quando eu comecei aqui na escola eu mal sabia ler e escrever, imagina desenhar e pintar, e aí a sra. insistiu muito e dizendo, bora tentar porque o não vocês já têm, corram atrás do sim, e isso foi muito bom pois hoje em dia eu incentivo os meus filhos e desenho com eles, coisa que eu nunca imaginei fazer.”

Relato de uma ex-aluna do EJA 11ª Fase: “Professora, as aulas de artes me tiraram do vazio que me encontrava, eu buscava alívio nas drogas, lembro muito da sra. pegando no meu pé e me dizendo o que eu tinha potencial, que eu ia conseguir, que eu só devia me dedicar mais um pouco.”

Relato do ex-aluno Fernando da 11ª fase: “Eu achava que a disciplina não ia servir pra nada, não gostava de fazer nada, mas depois que comecei a desenhar e pintar, comecei a gostar, até pro teatro Amazonas eu fui com uns amigos.”

Esses são alguns dos vários relatos que eu ouço no corredor da escola, nas rodas de conversa com os meus alunos em sala de aula e de ex-alunos. É gratificante saber que eu plantei uma sementinha e ela virou uma linda árvore.

Ouvir dos alunos que gostaram das atividades, que conseguiram fazer, que pra eles as atividades foram algo muito bom e que querem aprender novas técnicas, é muito gratificante.

Como a professora que proporcionou tudo isso, digo que não tem preço.

9. Referências

ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de; FONTENELE, Inambê Sales; FREITAS, Ana Célia Sousa. Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). *Ensino em Perspectivas*, v. 2, 2024. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6151> . Acesso em: 10 nov. 2024.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação e Desporto. EJA abraça estudantes de diferentes realidades sociais. Manaus, 2023. Disponível em:

<https://www.agenciaamazonas.am.gov.br>

. Acesso em: 17 nov. 2024.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação e Desporto. Amazonas tem mais de 46 mil vagas para novos alunos da educação de jovens e adultos em 2023. Manaus, 2023. Disponível em: <https://www.agenciaamazonas.am.gov.br>

. Acesso em: 17 nov. 2024.

ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. (2005). *Artes Visuais: Da Exposição à Sala de Aula*. São Paulo: Edusp. (Referenciado em ementa curricular).

BARBOSA, Ana Mae. *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BARBOSA, FW Educação de Jovens e Adultos: histórico e legislação. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/68230/1/2010_tcc_fwbarbosa.pdf . Acesso em: 15 jun. 2024.

BARBOSA, Jamile de Oliveira. *Escrevivências negras: produção e análise de narrativas literárias afro-brasileiras contemporâneas*. 2021. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

BATALHA, Erinaldo de Souza. Processos artísticos: a criação de desenhos nas aulas de artes sob a luz do imaginário amazônico. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

BELIZARIO, Maria Rutimar de Jesus. Políticas públicas e Educação de Jovens e Adultos no Amazonas. Manaus: UFAM, 2015.

BIBLIOTECA ELETRÔNICA CIENTÍFICA ONLINE – SciELO. O financiamento da EJA no FUNDEB: uma política que reiterou a negação do direito. SciELO Preprints, 2022.

Disponível em:

https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1901?utm_source=openai . Acesso em: 15 jun. 2024.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.

DANTAS, Luiz Elson. Caminhos do desenho: arte e jogo na construção de imagens. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes – PROF-ARTES) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

DUARTE, Eduardo Dias. História da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil: panorama histórico, político e social. Revista Veritas, 2024.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Estética, arte e educação*: uma introdução à educação estética. São Paulo: Papirus, 2000.

DORNELES, Dandara Rodrigues et al. Escrivência: sentidos na obra evaristiana e modos de viver a pesquisa em educação. Revista PerCursos, 2024.

EVARISTO, Conceição. Poemas da gravação e outros movimentos. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

EVARISTO, Conceição. Escrivência: a escrita de nós. In: EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Malê, 2020. p. 49-57.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. Arte relacional e regime estético: a cultura da atividade dos anos 1990. *Revista Científica FAP*, Curitiba, 2010.

FERNANDES, Marcos Vinícius Reis; ALVARENGA, Márcia Soares de. Paulo Freire na EJA: uma pedagogia emancipadora para os esfarrapados do mundo. *Revista de Educação Popular*, v. 1, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/59727> . Acesso em: 10 jun. 2025.

FERREIRA, Josiane Cardoso. Escrivência e formação docente: perspectivas para práticas pedagógicas emancipadoras. *Educação & Realidade*, v. 1, pág. 21/01/2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Contribuições para a Educação de Jovens e Adultos: Uma Revisão Narrativa*.
<https://www.scielo.br/j/edur/a/8V9fZF8c7bmpnyDP8jtpPpR/?format=html&lang=pt>
 Acesso em: 15 ago. 2025

HADDAD, Sérgio. *Educação de jovens e adultos no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1994.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos demográficos 2024. [s.d.]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 ago. 2025

MIRANDA, A. A. S. de. *Educação de jovens e adultos no Estado do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2003.

MONTEIRO, KG Efeitos da pandemia de Covid-19 na oferta escolar e evasão na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do município de Tramandaí. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2264> . Acesso em: 15 jun. 2024.

MORAES, Claudia et al. Interseccionalidade e decolonialidade na escrivência de Conceição Ev/aristo. *Revista Infinitum*, 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br> Acesso em: 19 jan. 2026.

MORAIS, Jocasta Maria Oliveira; OLIVEIRA, Francisco Thiago Chaves de; THERRIEN, Silvia Maria Nóbrega. *Educação de jovens e adultos: a luta pelo direito à aprendizagem*. Instituto Unibanco, [s.d.]. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo->

multimidia/detalhe/educacao-de-jovens-e-adultos-a-luta-pelo-direito-a-aprendizagem. Acesso em: 15 ago. 2025.

NASCIMENTO, Sueli Carneiro. A escravência de Conceição Evaristo e a reinvenção da memória. *Revista Estudos Feministas*, v. 1, 2019.

OLIVEIRA, Janielson Silva. A escrevivência da História em Conceição Evaristo. UNEB, 2025.

PEREIRA, JD Educação de jovens e adultos: Um contexto histórico e legal. *Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, v. 2, 2024. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/189> . Acesso em: 15 jun. 2024.

POLIANA, Letícia. Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire. Biblioteca José de Alencar – Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://biblioteca.letras.ufrj.br/pedagogia-do-oprimido-paulo-freire/>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SANCHES, João Nilson Leão. Evasão na EJA em tempos de pandemia: um legado ou um ponto de aprimoramento? *Revista Científica FESA*, v. 1, 2023. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/550> . Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTOS, Ana Maria dos. A pedagogia da escravência: literatura, resistência e representação. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 2, pág. 322-335, 2022.

SILVA, Wahuane Maraiva Faria Branco Pereira da. Escrevivência de Conceição Evaristo: problematizando a construção da identidade das meninas negras na escola. Dissertação (Mestrado) – UNESP, 2025.

SOUZA, Tiago Zanquêta de. Trajetória histórica da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: encontros e desencontros com a educação popular. *Cadernos CIMEAC*, v. 2, pág. 114-128, 2021. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/cimeac/article/view/3044> . Acesso em: 15 jun. 2024.

Guia de Atividades de ARTES VISUAIS para 9ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos

Profa. Deliene do Socorro do Nascimento Garcia

Este Guia é parte integrante da Dissertação do Programa PROFARTES UFAM/UEA, intitulada "Ensino de Artes Visuais na 9ª Etapa do EJA – Ensino Médio da Escola Estadual Profa. Ruth Prestes Gonçalves.

Apresentação

Este Guia foi desenvolvido como resposta às inquietações da professora que, em sala de aula, observa as dificuldades dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos — EJA em relacionar a Arte com seu cotidiano. Vislumbra-se neste Guia propor atividades relacionadas às SEIS DIMENSÕES DE CONHECIMENTO PARA O ENSINO DE ARTES, ELENCADAS PELA BNCC: Criação, Crítica, Fruição, Estesia, Expressão e Reflexão. Os conteúdos foram selecionados a partir do levantamento do repertório de cada estudante, considerando os conhecimentos teóricos fundamentais para a introdução às Artes Visuais.

Assim, este Guia traz o percurso de 10 aulas, na tentativa de apresentar os conceitos introdutórios das Artes Visuais.

Aula: 01

Conteúdo: Elementos do desenho.

Objetivo: Introduzir os elementos básicos do desenho.

Estratégia: No quadro branco, apresentar linhas, formas, cores, ponto, texturas. Em seguida, propor a representação através de desenhos, de objetos do cotidiano de cada estudante.

Os elementos da composição visual são os componentes básicos usados para organizar e criar uma arte, incluindo ponto, linha, forma, cor, textura, luz, volume e espaço. Eles estruturam a mensagem visual, comunicando emoções e guiando o olhar do espectador. O equilíbrio, simétrico ou assimétrico, é fundamental para sua organização.

Observações:

Espera-se que o estudante explore a representação gráfica, estimule a coordenação motora, por meio dos seus próprios desenhos.

Referencias:

<https://pt.scribd.com/document/502388835/Mapa-Mental-Elementos-Visuais-01>

<https://www.todamateria.com.br/elementos-basicos-das-artes-visuais/>



Aula: 02

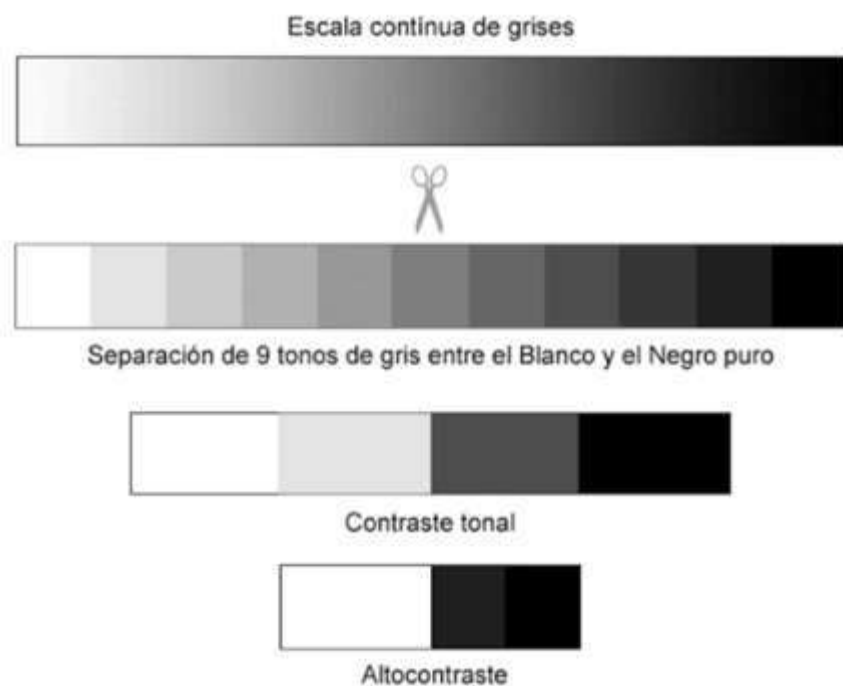
Conteúdo: Escala de tons

Objetivo: Experimentar o conceito de variação tonal (claro e escuro)

Estratégia: No quadro branco, apresentar a variação tonal e as possibilidades de desenvolver noções de volume e profundidade. Uso de papel sulfite A4, lápis 6B e HB. Também experimentar com lápis coloridos.

Sugestão: vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=kgqsjWD0arY&t=1s>

A escala tonal é uma gradação ordenada de tons, variando do branco ao preto (ou entre tons claros e escuros), fundamental para criar volume, profundidade e iluminação em desenhos, pinturas e fotografias. Ela representa a transição suave ou em passos (degradê) entre luz e sombra, essencial para o realismo na arte.



Observações:

Cada estudante constrói sua escala tonal, com lápis preto ou colorido, de forma a compreender as gradações.

Referencias:

<https://www.taller0180.cl/post/disena-un-blog-increible>

<https://www.todamatéria.com.br/elementos-basicos-das-artes-visuais/>

Aula: 03

Conteúdo: Composição com os elementos do desenho.

Objetivo: Desenvolver noções de volume e profundidade através da variação tonal.

Estratégia: No quadro branco, desenhar livremente um objeto e explicar a incidência de luz e o uso da variação tonal. Acrescentar mais um objeto para explorar o conceito de profundidade.

Volume e profundidade no desenho são criados através de técnicas de luz, sombra, perspectiva e sobreposição, transformando superfícies 2D em ilusões 3D. O uso de degradês, esfumados e a variação de tons (luz, sombra, tom médio) definem o volume, enquanto a perspectiva linear e atmosférica criam a profundidade.

Técnicas Principais para Volume e Profundidade:

Luz e Sombra (Sombreamento): Essencial para criar volume. Áreas claras indicam luz direta, enquanto áreas escuras sugerem sombra própria e projetada, dando tridimensionalidade.

Degradê e Esfumado: Transições suaves de tons (usando lápis 2B a 6B, esfuminho ou cotonete) criam formas realistas.

Perspectiva Linear: Uso de linhas convergentes e pontos de fuga para dar a ilusão de distância.

Perspectiva Atmosférica: Elementos mais próximos são mais detalhados e escuros; elementos distantes são mais claros e com menos foco.

Sobreposição (Sobreposição de Formas): Desenhar um objeto na frente do outro para criar planos de profundidade.

Texturas e Contornos: Contornos mais nítidos parecem mais próximos; contornos suaves e esfumados parecem distante



Observações:

Cada estudante cria uma composição utilizando a escala tonal para imprimir volume e profundidade no desenho.

Referencias:

<https://www.historiadasartes.com/desenhar-uma-natureza-morta/>

https://www.google.com/search?sca_esv=22f559b5d064249e&q=volume+e+profundidade+d+esenho&source=lnms&fbs=ADc_l-acAb_3MMOAUX0zmbUpgBqRiigBgL2l_pgQa-94zvB056b93wKmVeAAORa3G1NFZT67RHmD8tBnhEcNAi-9cSkymaF8um0dX9Q7bZl_-KEVfCkhDltwuaTYxYE4yw5L7SR2n3NqJfr-WV61l-WsqoaM-iaH0lr56R17LWdSxFqCKRWVnC aUVzTM01LtLsuviiXO49jHc7Ac houwWl1gplHZSR9pzc-5SmaXZghCI1DANylArPA&sa=X&ved=2ahUKEwigqpfYvY6UAXUwCrkGHcGQA0IQ0pQJegQlChAB&biw=1707&bih=748&dpr=0.8

Aula: 04**Conteúdo: Natureza Morta****Objetivo:** Compreender o gênero Natureza Morta.**Estratégia:** Montar um cenário em cada mesa com os estudantes, para que eles observando os objetos, reproduzam um desenho utilizando o conceito de escala tonal: luz, sombra e proporção.

A natureza-morta é uma forma de arte que representa objetos inanimados, como frutas, flores cortadas, utensílios e outros itens do cotidiano. Esses objetos podem ser naturais ou artificiais. A composição pode ser simples, com apenas um ou dois objetos, ou mais complexa, com uma variedade de itens diferentes. Em sua forma mais simples, as naturezas-mortas (sim, você leu certo – "naturezas", não "vidas") representam coisas que não se movem – coisas que estão imóveis.



Paul Cézanne. Jarro, Cortina e Fruteira, 1893.

**Observações:**

Cada estudante compõe uma natureza morta a partir dos objetos do seu cotidiano (pedir que tragam de casa). Observar luz e sombra e a organização.

Referencias:

<https://arteref.com/arte/curiosidades/paul-cezanne-era-o-unico-mestre-de-picasso-saiba-o-porque/>

<https://lahbt.blogspot.com/2019/06/still-life-apple-and-pear-natureza.html>

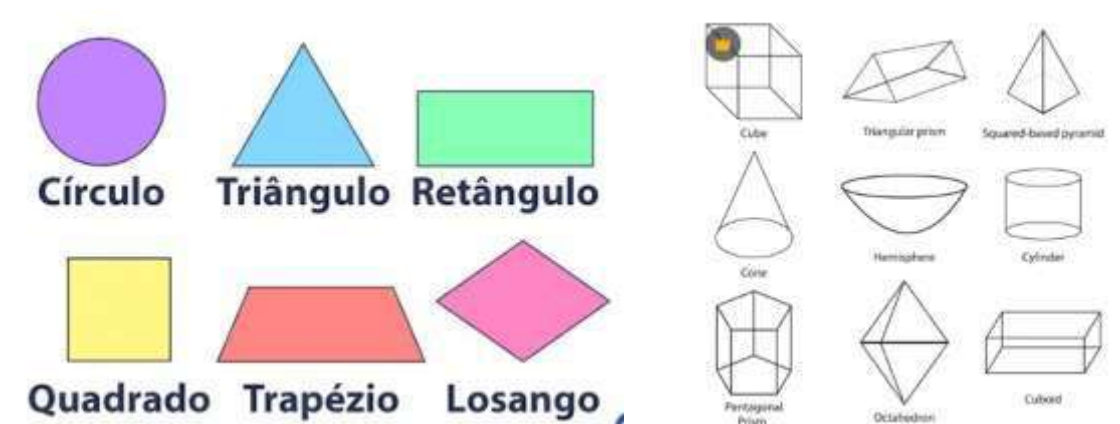
Aula: 05

Conteúdo: Formas geométricas

Objetivo: Identificar as formas geométricas no cotidiano profissional e doméstico.

Estratégia: Compor objetos utilizando as formas geométricas, pode-se utilizar desenhos a mão livre, recortes, etc.

Formas geométricas são os formatos das coisas que observamos, sendo constituídas por um conjunto de pontos. As formas geométricas mais utilizadas no dia a dia, são: **círculo, quadrado, retângulo e triângulo**. Essas formas planas (2D) são fundamentais por sua simplicidade e estabilidade, enquanto no espaço 3D destacam-se o **cubo, esfera, cilindro e pirâmide**.



Observações:

Neste exercício pode-se utilizar a construção do Tangram.

Ideal que os estudantes falem de seus objetos de trabalho e doméstico e possam associar as formas geométricas a eles.

Referencias:

<https://www.todamateria.com.br/formas-geometricas/>

<https://www.preparaenem.com/matematica/areas-de-figuras-planas.htm/>

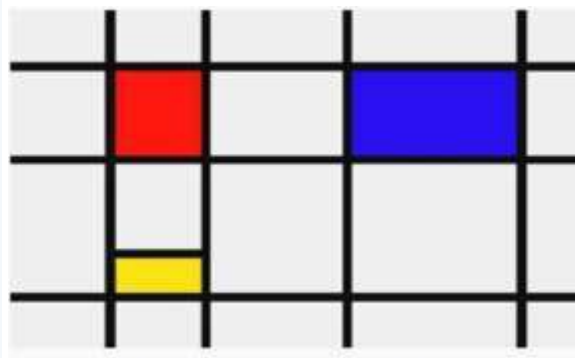
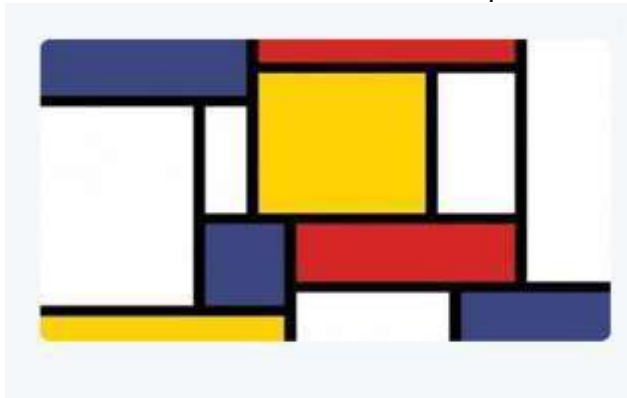
Aula: 06

Conteúdo: Arte e as composições geométricas

Objetivo: Entender a função das formas geométricas nas Artes Visuais

Estratégia: Apresentar obras de Piet Mondrian explicando o uso das formas geométricas como obra artística e suas aplicações na arquitetura, mobiliários, moda e fotografias.

O **Neoplasticismo** (ou *Nova Plástica*), foi um movimento artístico de vanguarda que surgiu na Holanda em 1917, Piet Mondrian foi um artista que defendeu uma arte abstrata geométrica, focada na harmonia universal, usando apenas linhas retas, ângulos retos e cores primárias.



Observações:

Levar o estudante a perceber que além dos objetos do cotidiano as formas geométricas também são composições plásticas.

Referencias:

<https://www.todamateria.com.br/piet-mondrian-obras-biografia/>

<https://www.guiadasemana.com.br/arte/noticia/7-curiosidades-sobre-o-pintor-piet-mondrian-e-o-movimento-de-stijl>
<https://br.pinterest.com/pin/690458186602996467/>

Aula: 07**Conteúdo: Arte Rupestre****Objetivo:** Conhecer a origem das Artes Visuais**Estratégia:** Apresentar imagens rupestres da Europa e do Brasil, de forma que os estudantes entendam a Arte como manifestação do homem.

Chamamos de **arte rupestre** as criações artísticas feitas em rochas durante a Pré-História. Elas podem ser categorizadas em pintura rupestre e gravura rupestre.

Os achados mais antigos desse tipo de arte datam do período **Paleolítico Superior** (aproximadamente 40.000 a.C.). Também foram encontrados exemplos de manifestações artísticas europeias ou pré-colombianas da época do **Neolítico** (de até 8.000 a.C.).

**Observações:**

Espera-se que os estudantes possam compreender que a arte acompanha o desenvolvimento humano, oportunizando experimentações. Fazer a impressão de mãos em negativo, criar a sua arte rupestre com tinta guache, etc.

Referencias:

<https://www.todamateria.com.br/arte-rupestre/>

<https://br.pinterest.com/pin/425942077235578034/>

<https://ensinarhistoria.com.br/pre-historia-do-brasil-parte-2/>

Aula: 08

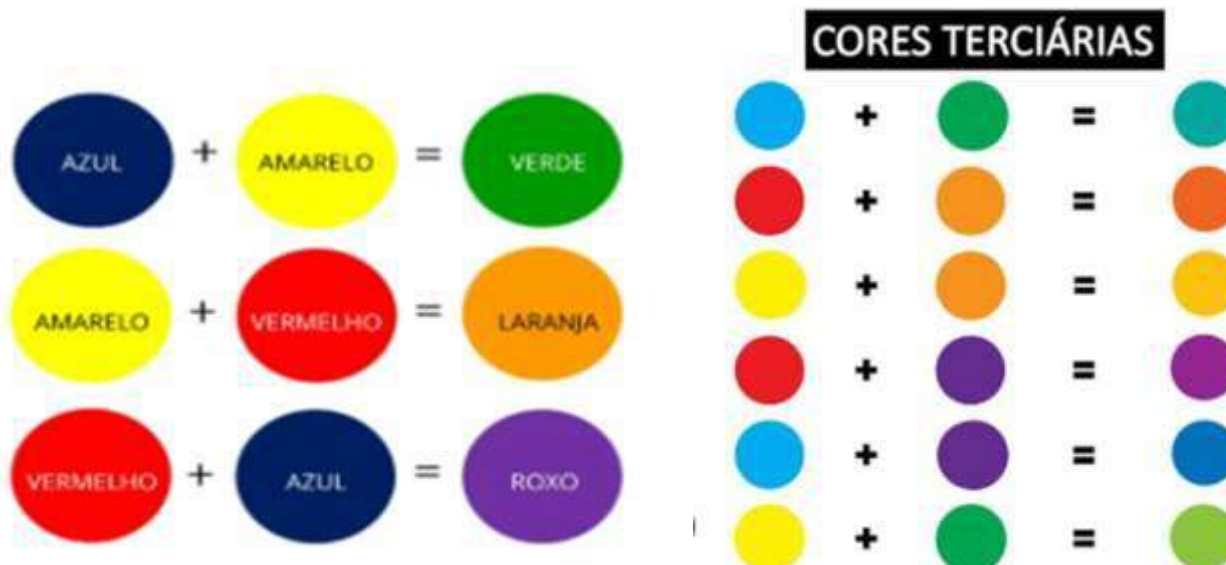
Conteúdo: Cores

Objetivo: Introduzir as cores primárias, secundárias e terciárias

Estratégia: Levar o estudante a experimentar as misturas cromáticas com tinta guache.

Cores são percepções visuais através das células cones dos olhos, que transmitem ao nervo ótico as impressões que vão direto ao sistema nervoso. A cor tem a ver com os olhos, com a retina e com a informação presente no cérebro. É a impressão produzida na retina do olho pela luz depois desta ser emitida, difundida ou refletida pelos objetos. Por isso, dizemos que os objetos não têm cor, pois a cor corresponde a uma sensação interna que é provocada por estímulos físicos da natureza.

Isaac Newton foi o primeiro a identificar os espectros da cor e a formular uma teoria científica a esse respeito. Newton fez várias experiências com a luz branca incidindo sobre um prisma, que se decompunha nas cores do arco-íris.



Observações:

Espera-se que os estudantes possam experimentar o uso das cores por meio de exercícios práticos de misturas.

Referencias:

<https://www.todamateria.com.br/arte-rupestre/>

<https://ensinarhistoria.com.br/pre-historia-do-brasil-parte-2/>

<https://www.significados.com.br/cores-primarias>

Aula: 09

Conteúdo: Cores quentes e frias

Objetivo: Identificar a temperatura das cores e sua relação com as emoções

Estratégia: A partir da obra de Henri Matisse discutir o conceito de cores quentes e frias e a construção de círculo cromático.

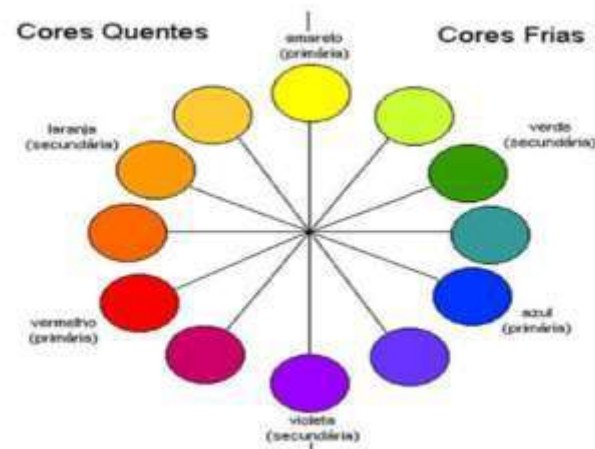
Cores são percepções visuais através das células cones dos olhos, que transmitem ao nervo ótico as impressões



O Gato com peixes vermelhos



Icarus



Observações:

Espera-se que os estudantes possam relacionar as cores quentes e frias com as emoções. Sugestão que elaborem uma composição, usando as cores, que representem o seu estado de espírito.

Referências

:
https://www.ebiografia.com/henri_matisse/
<https://www.todamatéria.com.br/cores->

Aula: 10

Conteúdo: Artes Visuais no Amazonas

Objetivo: Apresentar obras e artistas amazonenses.

Estratégia: Utilizando imagens de obras e seus criadores, compartilhar a importância das Artes Visuais como registro de época e sociedade.



Rubens Belém



Teatro / Rui Machado



Observações:

Roda de conversa para a discussão dos estilos de cada artista.

Sugestão de solicitar pesquisa individual de artistas amazonenses e a interpretação da obra, pelo estudante, através de um texto escrito.

Referencias:

Acervo pessoal

Aula: 11

Conteúdo: Releitura de obras de alguns Artistas Visuais no Amazonas

Objetivo: Conhecer os artistas regionais e organizar uma exposição com as obras dos estudantes.

Estratégia: Por meio da pesquisa das obras dos artistas regionais, reinterpretar a obra para uma exposição dos estudantes.



Observações:

Cada estudante pesquisa o artista, e escreve um texto sobre a obra, em seguida fazem a releitura da mesma, que será organizada em uma exposição.

Referências:

Acervo pessoal